CPAD

Pakau

A chamada, o preço e a recompensa

de uma missionária na Amazônia



Kelem Gaspar

Pakau

é uma história
missionária real, pronta
para impactar seu coração

Esta obra narra as experiências da autora Kelem Gaspar com a civilização indígena, sua relação e adaptação à cultura do povo, suas crenças e as batalhas espirituais que travou para alcançar aquelas vidas. É uma narrativa cercada de lutas, dificuldades, desafios, mas também de incontáveis milagres. Certamente, cada página relata a realidade de todos aqueles que abrem mão da vida pessoal para cumprir o chamado de Deus em terras distantes.

Encontre em cada capítulo uma narrativa missionária real, emocionante como poucos relatos e cheia do agir de Deus. Descubra as recompensas em meio às lutas e transforme sua visão ao ver essa grande mulher cumprindo o chamado genuíno de Deus. A história de Kelem não é necessariamente para levá-lo até os índios, mas para trazê-los até você e fazê-lo olhar para cada um deles com os olhos de Deus.

CPAD

ISBN 978-85-263-1154-1

A história da missionária Kelem Gaspar no interior do Amazonas vai sensibilizar seu coração. Ela mostra as necessidades e desafios do campo missionário e o impacto do choque cultural nas emoções. Sua experiência torna possível entender um pouco sobre como é a vida no campo, incluindo as perdas e as recompensas.

Kelem Gaspar é esposa, mãe, missionária e pregadora da Palavra de Deus entre os indígenas no norte do Brasil. Ultimamente, atua no Maracanã, município no interior do Estado do Pará, divulgando missões, levantando fundos para o projeto missionário e ministrando estudos.

Post-Scriptum

Deus escolhe quem Ele quer para o seu serviço. Podemos não ser o ideal na visão de algumas pessoas, mas Deus é o Senhor da seara e cabe a Ele a escolha de seus ceifeiros. Ele faz do impossível o possível e abre portas até no vento para que seus propósitos sejam realizados. Certamente Ele tem um plano em sua vida. Confie nEle, coloque em ação a sua fé e, se preciso for, Ele fará até com que os grandes se curvem diante de você, Seja sempre obediente à voz do Senhor, mesmo quando você não compreende. O que Deus encomenda Ele paga. Ele é o Dono de todos os recursos e nunca a obra de Deus deixou de ser realizada por falta deles; o que às vezes nos falta é o conhecimento de como usar a chave que abre todas essas portas, e essa chave é a FÉ. Suas realizações serão do tamanho de sua fé. O Senhor está ansioso para estabelecer o seu Reino de amor e paz em outras centenas de tribos não alcançadas pelo evangelho, onde agora só habita a dor, o desespero, a morte e a crueldade...

Qual é a sua parte?

O que você pode fazer?

Ajude nossa Escola de Missões e nossos projetos missionários.

Se desejar contribuir, não importa com quanto (o pouco para você pode ser exatamente o que estamos precisando naquele exato momento), deposite:

Banco do Brasil
Ag. 1436-2
Cc. 6993-0
Kelem Gaspar

Pakau

Pakau

A chamada, o preço e a recompensa

de uma missionária na Amazônia

3ª Impressão

CPAD

Rio de Janeiro

2015

Kelem Gaspar

Todos os direitos reservados. Copyright © 2014 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Daniele Pereira
Capa: Jonas Lemos
Projeto gráfico: Fagner Machado
Editoração: Fagner Machado

CDD: 266 - Missões
ISBN: 978-85-263-1154-1

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

3ª Impressão: Outubro/2015
Tiragem: 3.000

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a cada missionário empenhado em ganhar almas em nome do Senhor da seara. A cada um que já sofreu difíceis perdas, que já chorou amargas lágrimas, que suportou necessidades, que sofreu anonimamente.

Um dia próximo, suas roupas gastas serão trocadas por vestes resplandecentes como o sol.

Seus pés, hoje calçados por velhas sandálias, brevemente caminharão sobre o mais puro ouro.

Seu corpo, muitas vezes escassamente alimentado, se fartará dos manjares celestiais.

A lembrança da humilde casa onde vive se perderá para sempre quando contemplar o palácio de marfim que o seu Deus preparou.

Será coroado com triunfo e reinará para sempre ao lado de seu Pai.

Vale a pena.

Continue.

Avance.

A recompensa virá das mãos do Senhor.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor Jesus, meu comissionador, por sua graça e misericórdia.

Ao meu amado esposo Dulcival, primeiro incentivador, em tudo.

A minha família, em especial a minha mãe, Dilce Nepomuceno, pela criação, pela fé e pela coragem.

A cada pastor que foi e tem sido parceiro deste trabalho ao longo desses anos. A cada igreja que me recebeu e continua me recebendo, me cobrindo de amor e de intercessões. A cada crente que tem colaborado com meu ministério, dedico a vocês esta obra.

A cada pessoa chamada para o ministério de Missões, que este livro desperte em sua alma o desejo, a coragem e a fé necessários para conquistar as terras ainda não conquistadas.

Avante, o Senhor conta com você.

PREFÁCIO

É com imensa alegria que prefacio esta obra que, sem dúvida, causará um grande impacto na vida de todos os seus leitores. Porque o conteúdo desse livro não se trata de uma ficção com o intuito de sensibilizar alguém. Esta é a história que Deus criou para minha amiga e irmã em Cristo, a missionária Kelem Gaspar, que foi chamada para alcançar um povo especial que vive na Floresta Amazônica — índios brasileiros.

Este livro, além de mostrar que Deus ouve as orações e considera a sinceridade do coração, traz também a certeza de que, em nossos dias, o Senhor da seara continua mostrando os campos brancos prontos para serem ceifados. O testemunho de vida missionária de Kelem relata o "desprendimento da zona de conforto" que muitos estão vivendo, e mostra-nos um grande exemplo de determinação, a partir da convicção instalada no seu coração de que não vale a pena viver se não for para cumprir a vontade de Deus.

Os relatos contidos nessa obra desmascaram o fingimento missionário vivido por muitos, que se apresentam através da missão em vez de se apresentarem para cumprir a missão. Também seguiremos lendo que nossa vida aqui na terra é de pouca duração, mas que, se cumprirmos a missão, poderemos plantar e colher frutos para a eter-

nidade. Ao entrar em comunhão com a história deste livro, poderá dizer como disse o chefe de uma tribo em que Kelem Gaspar é Pakau Oro Mon, que significa: "Aquela que luta como onça". Ou seja, a coragem faz parte da fé, virtude necessária para missões mundiais.

Agora é a sua vez de se emocionar com sua chamada, com o preço, com a recompensa e com esse cativante relato missionário.

– Jayro Kaillo, pastor
Natal, RN

SUMÁRIO

Agradecimentos 6
Prefácio 7

1. A Semente Foi Plantada 10
2. A Primeira Experiência 13
3. O Preparo 24
4. A Hora Chegou 26
5. A Chegada aos Pacaás-Novos 39
6. Barranco Vermelho 49
7. A Chegada à Belém — O Início da Batalha 59
8. O Coração de Jesus 62
9. O Encontro com os Índios 74
10. A Grande Surpresa 78

Caderno de Fotos 86
Post-Scriptum 96

CAPÍTULO 1

A Semente Foi Plantada



Eu tinha apenas sete anos quando a realidade do campo missionário descortinou-se diante dos meus olhos. Foi durante a Escola Bíblica de Férias, quando ouvi a história do menino Samuelito, uma criança triste, solitária e carente que, através de uma missionária, pela primeira vez ouve falar de Jesus e tem a sua vida e a de sua família transformada. Fiquei muito impressionada com a possibilidade de uma só pessoa levar uma família inteira a Jesus. Pensei muito sobre o assunto e fui profundamente tocada com a carência daquele povo, com a tristeza do menino, com a beleza do trabalho missionário e com a impressionante mudança daquela família.

No final da história, a professora levou todo o grupo infantil a fazer um clamor por missões mundiais e disse que talvez ali estivesse presente algum futuro missionário para regiões distantes. Meu coração acelerou, esqueci todas as minhas limitações e disse bem alto: "Eu, tia!". Ela sorriu.

Eu não sabia, mas naquele instante DEUS também sorriu e aceitou a minha oferta!

A partir daquele dia o trabalho missionário tornou-se meu ideal de vida, a chamada queimava e abrasava meu coração. Eu dormia e acordava pensando que um dia, tão logo crescesse e estivesse pronta,

desbravaria terras distantes e levaria a paz de Cristo ao coração de muitos Samuelitos aflitos.

Com treze anos de idade comecei a evangelizar viciados em drogas e a lecionar em classes de Boas-Novas para crianças. Algum tempo depois, passei a frequentar um curso de Teologia como ouvinte, já que não tinha dinheiro e nem idade para estudar normalmente. Não foi uma época fácil, mas foi apenas a sombra do que estava por vir até que meu sonho se realizasse.

Certo dia, ao chegar ao templo onde congregava, percebi que se tratava de um culto diferente, pois naquela época, cultos de missões não eram tão comuns como hoje. Uma missionária estava visitando a congregação. Ela trabalhava com índios, e a simples visão daquela mulher me deixou fascinada. Aguardei ansiosa a hora da mensagem; sabia que Deus falaria comigo naquela noite. E falou.

A missionária chamava-se Irene, era uma mulher simples, mas cada uma de suas palavras tinha o peso da aprovação do Espírito Santo. Lembro-me pouco sobre o sermão em si, porém me recordo perfeitamente que suas palavras vinham ao meu encontro como flechas vindas direto do trono de Deus. Ela nos desafiou a fazermos alguma coisa a mais do que simplesmente esperar que algo sobrenatural acontecesse. Deus queria decisão; Ele não precisava de espectadores, e sim de pessoas dispostas não somente a dizer "Eis-me aqui", mas também a tomar uma atitude em relação a essa entrega. A palavra-chave era: Missionários Ativos. Deveríamos fazer alguma coisa em prol de nosso chamado: Nos prepararmos, buscarmos capacitação, não deixando escapar as oportunidades. Devíamos fazer o que estivesse ao nosso alcance, e o primeiro passo seria fazer uma entrega real e verdadeira. Assumir um compromisso com o Senhor da seara. Buscar a certeza de um chamado único e superior a todos os demais anseios.

Foi feito o convite para ir à frente todo aquele que havia sentido o chamado de Deus para a obra missionária. Eu fui e caí de joelhos diante do Senhor. Não tive uma visão e não ouvi nenhuma voz, mas

senti dentro de meu coração que Deus havia falado comigo. Naquele momento, fiz uma simples e singela oração:

Senhor, estou aqui diante de ti para te dizer que sou tua para que realizes todo e qualquer propósito que determinar teu coração. No entanto, preciso te avisar que não tenho talento algum, não sei cantar, nem pregar e nem fazer coisa alguma. Não sou nada Senhor. Mas se precisares de mim para fazer qualquer coisa em qualquer lugar, eis-me aqui. Só te peço humildemente que me capacites para levar a cabo a tarefa que colocares em minhas mãos. Não me importa o que terei que renunciar e nem o sofrimento que me espera. Peço-te graça para que o melhor lugar do mundo para mim seja exatamente o centro de tua vontade.

Tenho certeza absoluta em meu coração de que Deus aceitou aquela oração exatamente porque não depende de pessoas talentosas para o sucesso de seu trabalho. Os dons e os talentos virão à medida que nós nos dispusermos e humildemente nos colocarmos em sua presença para aprofundarmos o nosso relacionamento com Ele.

A certeza da superioridade desse chamado e a convicção de que ele não nasceu simplesmente da emoção era o que me sustentaria diante de todas as dores, das privações e da solidão dessa chamada.

CAPÍTULO 2

A Primeira Experiência



Quando aquele culto chegou ao fim, eu estava muito diferente. Algo havia mudado radicalmente na minha maneira de encarar o chamado de Deus na minha vida. Eu estava então com 15 anos de idade.

Esperei a missionária na saída do templo e lhe disse: "Irmã Irene, estou entrando de férias na semana que vem e gostaria muito de passar um mês com a senhora em seu campo de trabalho. Eu não sei pregar e canto muito mal, mas posso ajudar nas tarefas domésticas e carregar a sua mala. Por favor, leve-me com a senhora. Eu preciso aprender a fazer missões".

Ela gostou da ideia de ter alguém para ajudá-la com a mala e aceitou a minha companhia em sua próxima viagem: um dos agrupamentos Tembés do Sul do Pará.

Minha mãe permitiu a viagem e partimos no final de semana. Conosco foi uma irmã chamada Joana, que cantava maravilhosamente bem.

Depois de uma longa viagem, chegamos à vila mais próxima da aldeia, onde o pastor local já nos aguardava. Fomos hospedadas na humilde casa pastoral para ajudar o pastor alguns dias na obra local antes de partirmos para a aldeia.

Foi a primeira vez que comi caça do mato, dormi no chão, levantei de madrugada para orar com elas, andei quilômetros a pé

para fazer visitas, passei da hora de comer, remei para dirigir cultos ao longo do rio e senti verdadeiramente o que era fazer missões na prática. A irmã Irene e a irmã Joana me ensinaram lições preciosas, e sou uma eterna devedora do amor e da paciência que essas duas irmãs tiveram comigo.

Os dias passavam e eu estava cada dia mais ansiosa por conhecer a aldeia. Mas eu precisaria de algo além da ansiedade para alcançar meu objetivo.

Uma tarde a irmã Irene me fez um comunicado:

— Kelem, infelizmente nós não iremos à aldeia nestes dias porque preciso ajudar o pastor no trabalho aqui na vila, e como suas férias estão acabando, não será possível você conhecer os índios. Vamos deixar para uma próxima oportunidade, está bem?

— Irmã Irene, pela primeira vez na vida eu orei com afinco por alguma coisa. Minha primeira semana de jejum foi em prol dessa visita à aldeia e eu simplesmente não posso aceitar a possibilidade de não chegar até lá.

— É, então vamos orar esta noite e depois da oração decidimos o que fazer.

Oramos, e eu senti uma paz muito grande em relação à minha ida e estava disposta a ir mesmo sozinha.

No dia seguinte, o pastor, já informado de toda a situação, me chamou e disse:

— A viagem que você pretende fazer é perigosa. Os índios estão em pé de guerra com a nossa vila por causa de questões territoriais. Você pode ir se quiser, mas quero deixar claro que, no caso de alguma coisa lhe acontecer, a responsabilidade é só sua.

— Pastor, eu já tenho alguém responsável por mim. Não precisa se preocupar — disse. — Tenho plena convicção de que esta é a vontade de Deus e sei também que Ele não me desamparará em circunstância alguma.

— Bem, quem sou eu então para ser um impedimento à vontade de Deus. Amanhã às cinco horas da manhã esteja pronta para viajar. Mandarei um irmão levá-la de rabeta (uma pequena canoa

com um motor de popa) até lá. São cerca de oito horas de viagem. Que o Senhor a leve e a traga em paz, menina.

A irmã Irene e a irmã Joana ouviram atentas o meu relato.

— Você tem certeza de que quer ir sozinha?

— Total certeza.

— Ficaremos orando por você.

Fazia muito frio às quatro horas da manhã quando levantei para preparar-me para a viagem. Logo chegou o irmão encarregado de me deixar na aldeia. Partimos sem ter tido tempo para o desjejum e também não levamos nada além de meio quilo de farinha e um pouco de sal. Acomodei-me na popa da canoa e partimos. Uma estranha sensação tomou conta de mim. Sentia medo, não de morrer; meu medo era pior, era de falhar, de não conseguir expor o evangelho de maneira clara e convincente, de não me adaptar, de não conseguir amá-los. Foi nisso que pensei toda a viagem. No entanto, bem lá no íntimo eu sabia que, se nós começamos, Deus começa também.

Choveu muito durante a viagem. O frio e a fome eram quase insuportáveis. O irmão parou quando avistou uma árvore carregada com uns limõezinhos do mato. Paramos para comê-los com sal e farinha, depois continuamos a viagem.

Um mundo completamente novo se descortinava diante de mim, um mundo sem energia elétrica, sem shoppings, sem escolas e sem tudo o que eu, até aquele momento, conhecia e amava. O mundo que se apresentava era exótico e cheio de mistérios. Eu sabia que a minha fé passaria por severos testes, várias decepções e tristezas estavam à minha espera. Contudo, mais do que qualquer coisa; aquele fogo inflamava meu coração. Não podia conceber outra saída; o chamado estava lá, persistindo firme e forte, atraindo-me mais que tudo.

Aquele rio estreito e sinuoso parecia desafiar-me em cada curva. Tive a impressão de que podia ouvir uma voz que falava das profundezas do mistério, bem dentro do meu coração: "Você não está preparada para conhecer e tão pouco para mudar qualquer coisa

neste lugar. Você está só e a única certeza que você pode ter é que suas chances de falhar são imensamente superiores à sua chance de conseguir algum tipo de vitória".

Essa luta interna é velha conhecida dos missionários. Eu a enfrentei inúmeras vezes, e elas acontecem para que nunca possamos nos esquecer de que não somos autossuficientes, que não existe em nós nenhuma qualidade humana que possa nos dar algum tipo de garantia, nenhum talento que nos garanta que vamos vencer. Nós precisamos depender totalmente, a cada segundo, da graça do nosso Senhor Jesus Cristo. Todas as vezes que me esqueci disso e confiei em mim mesma, amarguei terríveis derrotas.

A natureza era exuberante e havia muitos rastros de animais selvagens. Podia ver pequenas barracas de madeira cobertas de palha, abandonadas, espalhadas pela margem do rio. Eu sentia medo, mas buscava dentro de mim a certeza de que não estava sozinha, que Deus estava no comando, que o seu senhorio era absoluto e que nada, absolutamente nada, aconteceria fora de sua soberana vontade. Foi assim que o meu coração finalmente pôde encontrar paz e preparar o caminho para que a fé que faz a diferença despertasse em mim. A fé verdadeira que não põe diante de si outra possibilidade para o caso de Deus não operar. A fé é a certeza de que Ele pode fazer e que Ele vai fazer (cf. Hb 11.1).

Deus jamais decepciona os que confiam nele. Chegamos ao entardecer, desligamos o motor e imediatamente percebemos que estávamos sendo observados por entre as folhagens. O irmão me acompanhou até o alto do barranco, e a aldeia estava vazia. Caminhamos e ele descobriu que os homens estavam ausentes e as mulheres escondidas com medo de nós.

Ele me olhou bem nos olhos e perguntou:

— Tem certeza de que quer ficar aqui? Por que não volta comigo e esquece essa história de índio? Ninguém vai levar a mal.

— Impossível voltar atrás. Chega um momento em que nós precisamos escolher se confiamos em Deus ou não. Esse momento chegou para mim e eu escolho confiar nEle.

Ele se foi e eu fiquei ali, sozinha, temerosa, mas muito feliz.

Uma índia chamada Ewatembé veio falar comigo (eles conheciam o português comercial) e me informou que eu não poderia entrar na aldeia até que os homens chegassem da mata; somente o cacique poderia autorizar a minha entrada.

Sentei embaixo de uma árvore e acabei adormecendo em cima da mochila. Estava exausta da viagem, a pele ardia por causa do sol, a roupa ainda estava encharcada da água da chuva. Sentia-me fraca devido à ausência de alimentos durante o dia.

Acordei ouvindo vozes masculinas. Eles falavam alto e riam, carregando nas costas enormes porcos do mato abatidos por suas afiadas flechas para a alimentação da semana. De repente fez-se silêncio e o cacique, mesmo antes de me ver, perguntou a Ewatembé quem estava na aldeia. Ela não disse uma palavra; apenas apontou em direção à árvore em que eu estava.

Eles se aproximaram e o cacique perguntou quem eu era e o que estava fazendo ali. Disse-lhe que me chamava Kelem (ele nunca conseguiu pronunciar meu nome) e que estava ali para conhecê-los e para falar a eles um pouco mais acerca do Deus criador dos céus e da terra e de seu filho Jesus.

Ele me convidou para acompanhá-lo até sua cabana. Todos faziam silêncio absoluto. Ele entrou e saiu com uma flecha maior do que eu, cuja ponta de osso afiado media mais de um palmo e deu-me a impressão de que poderia dividir ao meio um fio de cabelo.

— Você sabe o que é isso? — perguntou.

— Sim. É uma flecha — respondi.

— E você sabe para que serve? — tornou a perguntar.

— Serve para caçar animais e arpoar peixes na beira do rio.

— Errado. Ela foi confeccionada especialmente para invasores que vêm de longe para nos enganar e roubar. Outro como você já morreu na ponta dela.

Fiz uma oração relâmpago: *Deus, eu não vim aqui para morrer. Socorre-me, em nome de Jesus.*

Levantei a cabeça, olhei bem nos olhos dele, com o dedo indicador da mão direita, empurrei a ponta da flecha da minha direção e lhe disse:

— Eu não morrerei na ponta de sua lança. Vim aqui para lhe trazer um recado da parte de Deus e só irei embora quando tiver terminado o que vim fazer. Não vim lhe fazer mal. Olhe para mim, nada além do amor me trouxe até aqui.

— Seja lá o que veio fazer ou dizer, à noite reunirei a todos — respondeu o cacique.

Graças a Deus, ele me convidou para comer. Sentamos todos no chão à luz de uma lamparina e formamos um círculo. No centro havia duas bacias médias, uma com farinha úmida e outra com piranha assada sem sal. Jantamos em silêncio, não havia pratos e nem colheres; cada um pegava um peixe e um bocado de farinha.

Depois do jantar, todos se acomodaram no terreiro e uma fogueira foi acesa para clarear a reunião. Todos esperavam com ansiedade. Eu havia levado comigo um grande livro ilustrado que contava uma belíssima história de uma aldeia sendo alcançada pelo evangelho. Eu me programei para cantar alguns corinhos, contar um capítulo da história, ministrar um pequeno sermão acerca de Cristo e encerrar com uma oração. Na verdade, as coisas não aconteceram como eu havia planejado.

Precisei repetir o corinho incontáveis vezes até que todos tivessem aprendido. Quando encerrei o primeiro capítulo da história fazendo suspense sobre o que aconteceria em seguida, para poder continuar no dia seguinte, enfrentei protestos vorazes da parte do cacique, que não estava nem um pouquinho disposto a esperar até o dia seguinte para saber o que aconteceria. Conclusão: Precisei relatar toda a história, que contaria em uma semana, em um único dia. Esse culto de estreia terminou quase uma hora da manhã.

Não tinha certeza se eles estavam compreendendo o que eu estava partilhando com eles acerca do evangelho, mas observei que ouviam com atenção e comentavam entre si uma ou outra coisa que porventura chamasse sua atenção. Em algumas ocasiões demonstra-

vam surpresa, em outras, alegria e em outras, tristeza. Suas reações foram uma incógnita para mim por muito tempo.

Dormi embaixo da árvore; ainda não confiavam em mim para me deixar dormir em uma de suas casas. Fora o medo das onças, dormi bem.

Passei a manhã seguinte evangelizando as crianças e à tarde evangelizando as mulheres. À noite tivemos outro culto maravilhoso após o jantar com a participação de todos. Essas reuniões me mostraram claramente o quanto despreparada e desqualificada para o serviço eu estava. O meu parco conhecimento bíblico, o meu escasso conhecimento da natureza humana, a minha fraca capacidade de compreensão e em muitos casos a ausência de humildade para compreender que eu não era, em nenhum aspecto, melhor ou superior, tornaram-se uma barreira quase intransponível para o recebimento do evangelho. Louvo a Deus por ter identificado essas fraquezas de caráter bem no início de meu ministério e por ter tido tempo de tratá-las posteriormente.

A alimentação era uma dificuldade à parte. A carne das caças era enterrada na beira do rio para não estragar e outra parte assava o dia inteiro apenas no calor do fogo, por fora ela ficava negra, mas, por dentro estava branca e tenra (ainda havia o terrível cheiro de fumaça).

O açaí era mastigado e cuspido pelas índias mais velhas em uma grande panela, para, em seguida, ser saboreado pelo restante da aldeia. A farinha era extremamente azeda e não havia nenhum outro acompanhamento para a carne, que geralmente era de porco do mato ou de macaco.

O povo tinha estranhos costumes, como não entrar no rio para banhar-se após o pôr do sol; eles afirmavam que o espírito que habitava as águas se alimentava nesse horário e qualquer um poderia ser essa "refeição" se ousasse entrar no rio no horário proibido. O cacique me confidenciou que eles tinham muito medo porque vários índios já haviam desaparecido por desobedecer à ordem espiritual. Eu lhes disse que Jesus prometia liberdade e proteção a quem

confiasse nEle e que eu mesma, por ter essa experiência com Deus, estava disposta a entrar no rio para provar-lhes que Cristo vive e é infinitamente superior a qualquer espírito que pudesse habitar as águas do rio, a floresta, a aldeia ou sua própria casa. Ele aceitou o desafio. Algumas crianças choravam enquanto me pediam que não entrasse na água, as mulheres também temiam e os homens, embora sérios, estavam visivelmente nervosos com a possibilidade do meu desaparecimento. Primeiro fui de canoa, um indiozinho apavorado foi escolhido pelo cacique para ser o remador, entramos na canoa e atravessamos o rio. Quando estávamos retornando, sentimos uma enorme batida no fundo do casco, e a canoa, por alguns milésimos de segundo, ficou totalmente suspensa no ar com a violência e a força da batida. Meu coração quase parou. Naquele exato momento alcancei a consciência de que estava lutando em uma batalha espiritual e que era um fato incontestável a presença e a interferência maligna no meio daquele povo. Clamei pelo nome de Jesus. Chegamos à margem. Fui convidada a entrar no rio para um mergulho, entrei na água, sempre orando. Eu não estava subestimando o meu adversário. Mergulhei e fui a nado até o outro lado, voltei e saí do rio feliz porque através daquela singela demonstração, os índios estavam alcançando a consciência do poder e da superioridade de Cristo. As coisas ficaram mais fáceis após aquele dia.

Pouco a pouco fomos estabelecendo um relacionamento e, depois de alguns dias, já fui convidada a dormir em uma das cabanas. Uma índia dormia comigo caso precisasse de alguma coisa.

Nós nos tornamos amigos depois de um processo lento e gradual, não por culpa deles, mas por minha culpa. Alguns dias depois, ganhei um macaco guariba e, como foi um presente, tive de comê-lo sozinha. Durou quase uma semana. Os vermes na carne, já nos últimos dias, faziam de minhas refeições um tormento.

Fui convidada a orar por um velho índio há muito tempo enfermo. Após a oração e a constatação de que algo sobrenatural havia acontecido, ministrei o evangelho mais uma vez, da maneira mais doce, amorosa e compreensível possível, culminando

no oferecimento de Cristo como único Salvador e Senhor a quem quisesse recebê-lo. Toda sua família se converteu. Pouco a pouco compreendiam o evangelho e recebiam o sacrifício de Cristo com alegria. Iniciei um processo de discipulado e aconselhamento dos novos crentes, que a cada dia queriam conhecer e alcançar um novo aspecto da vida e da personalidade de Cristo.

Foi com certa tristeza que ouvi, em uma manhã, o som da rabeta que se aproximava. À hora de voltar havia chegado. Os homens não estavam presentes para a despedida; abracei todas as mulheres e crianças e, chorando, desci o barranco em direção à canoa, que me esperava. Aqueles dias ali foram suficientes para me dar a certeza de que era para povos como aquele que Deus queria que eu dedicasse minha vida.

Desci o rio em silencio, com o coração pesado por tê-los deixado e com a sensação de que havia feito pouco demais por eles.

A viagem de volta foi mais rápida, porque estávamos a favor da correnteza. Levamos carne de macaco, farinha de mandioca e algumas frutas regionais para comer durante a viagem. Eu estava feliz por várias razões, mas principalmente porque havia definido qual seria o meu campo de atuação: trabalharia com povos indígenas e dedicaria a minha vida para aliviar, de alguma maneira, a enorme carga carregada por eles. Não sabia ainda como faria isso, mas certamente seria uma intercessora incansável, mantenedora fiel de obras missionárias em tribos indígenas. Trabalharia também no sentido de conscientizar cada vez mais cristãos a também orar, contribuir e principalmente compreender e amar esses povos aprisionados de forma tão terrível por Satanás. Vítimas cruéis de costumes impostos por rostos ocultos, sussurrados por espíritos malignos que não têm nenhum outro interesse senão tirar-lhes a paz, aprisioná-los, matá-los, roubá-los e destruí-los. De preferência, da forma mais cruel e desumana possível. Mas o que eu queria mesmo era ir ao encontro deles e trabalhar pessoalmente por essa libertação. Esse era o meu chamado e certamente Deus me daria a oportunidade de concretizá-lo.

Eu estava sendo esperada com certa ansiedade na vila pelo pastor e pelas missionárias. Após uma boa refeição, relatei a eles tudo o que se passou e, após orarmos agradecendo ao Senhor pela sua proteção e pelas vitórias, fui descansar da viagem.

No dia seguinte acordei com um movimento estranho na vila. Olhei pela janela do quarto e vi que muitos pescadores estavam no porto olhando para uma curva do rio, a uns duzentos metros de distância. Uni-me a eles na observação e de longe reconheci os índios homens da aldeia Tembé. Tanto o pastor quanto os moradores ficaram apreensivos e resolveram se afastar da beira do rio. Eu fiquei para recepcioná-los e descobrir o que havia acontecido. Também estava apreensiva quando eles chegaram ao porto. Fiquei em silêncio e sorri pra eles.

O cacique vinha na proa da primeira canoa com mais três índios. Ao todo eram quatro canoas, totalizando doze índios. Ele sorriu de volta e disse:

— Keri, tu fugiu, foi?

— Não, se pudesse ficaria muito mais tempo. O irmão que foi me buscar estava com muita pressa e por isso não pude ficar para me despedir. Desculpe-me e muito obrigado por tudo.

— Nós trouxemos umas coisas para que leve para a sua casa e não se esqueça de nós.

Desci o porto e fui receber o embrulho que ele me oferecia. Dentro dele havia um colar de penas coloridas, um litro de tucupi com pimenta e um couro de veado. Agradeci os presentes e os convidei para subir. Eles não aceitaram, mas disseram que as portas da aldeia estavam abertas para quem quisesse ir até lá falar um pouco mais acerca de Jesus. Disseram-me também que continuariam as reuniões de louvor e oração.

Após uma emocionada despedida, eles partiram de volta à aldeia. E eu fiquei ali no porto, olhando para a canoa que ficava cada vez mais distante e sonhando com o dia em que eu poderia finalmente fazer algo mais por povos como aquele, tão incompreendidos e com uma capacidade tão grande de amar até mesmo pessoas despreparadas como eu.

Resolvi voltar para Belém e me preparar, estudar, ler, pesquisar, entrevistar missionários, sentar aos pés de homens sábios para ouvir e aprender tudo quanto eu pudesse para servir melhor naquilo que Deus me chamava para fazer.

Se continuarmos fazendo o que sempre fizemos, vamos obter o que sempre obtivemos.

Se quisermos realmente obter algo grandioso e diferente, seja na carreira missionária, seja em qualquer outra área, devemos ousar fazer coisas grandiosas e diferentes. Se tivermos um chamado, não existem limites, nossas realizações serão exatamente do tamanho de nossa fé.

CAPÍTULO 3

O Preparo



Com 15 anos concluí o curso de magistério (antigo 2º grau na área de magistério) e comecei a trabalhar na área do ensino. Lecionava em duas grandes escolas e finalmente pude me matricular no seminário e cursar o tão sonhado curso de Teologia. Na igreja (Igreja Assembleia de Deus, WE 34, Cidade Nova, Ananindeua), eu liderava a equipe de Evangelismo e Missões Manancial de Amor. Trabalhávamos com evangelismo infantil, evangelismo pessoal, culto relâmpago e missões ribeirinhas. Pensava comigo que, se não realizasse um trabalho satisfatório onde eu estava, em minha casa, em meio a minha família, falando meu próprio idioma, em minha própria cultura, como poderia então trabalhar satisfatoriamente no campo missionário em situações completamente adversas: longe de casa, da família, tendo que dominar outro idioma, trabalhando com um povo de uma cultura diferente da minha e sozinha, sem ter ninguém a quem recorrer? Esses anos de preparo foram de um valor inestimável.

Lembre-se: Deus certamente não menosprezará um soldado bem preparado, e a grandeza de uma vocação é verificada sempre pelo cuidado no preparo que se faz para ela.

Foram longos anos lendo biografias missionárias, estudando enfermagem, adquirindo experiências práticas com evangelismo e discipulado e estudando tudo o que estava ao meu alcance sobre missões transculturais indígenas. Estava me preparando para transpor não somente barreiras geográficas, mas também barreiras culturais e linguísticas. A todos eram notórios o meu chamado e o desejo de partir para campos distantes. Mas para onde eu iria?

Comecei a orar pedindo a Deus um povo perdido, em uma terra distante, aprisionado e sofrido, para que pudéssemos fazer resplandecer ali a maravilhosa cruz de Cristo. Todos os dias eu pedia: "Senhor, dá-me um povo". E um dia, quando eu menos esperava, Deus respondeu de forma inusitada a essa oração.

Nem sei precisar de que maneira aquele papel chegou às minhas mãos. Era uma literatura de cunho evangelístico que falava de um povo indígena não alcançado na fronteira do Brasil com a Bolívia. Falava também de uma equipe de jovens missionários que foram mortos na tentativa de alcançá-los. Aquelas palavras saltavam do papel, e à medida que eu avançava na leitura, uma certeza inconfundível apoderou-se de meu coração: aquele era o lugar. Descobri que naquela fronteira existiam muitos povos aprisionados pelo paganismo e carentes do evangelho. A pesquisa avançou e a cada novo dado a minha certeza aumentava. Entrevistei o pastor Geremias Cordovil, que foi um dos pastores pioneiros no trabalho missionário na Bolívia, e ele me deu muitas informações importantes, mas acima de tudo, acreditou no meu chamado e me incentivou a ir. Ele foi o primeiro pastor a me chamar de missionária Kelem e a confirmar meu ministério. Ele sabia o que, infelizmente, outros ainda desconhecem: Que Deus usa quem quer, e quando Ele olha para a terra não vê homens e mulheres, casados e solteiros, analfabetos e bacharéis, grandes e pequenos; quando Ele olha do céu, vê vasos que, quanto mais humildes e dispostos forem, mais serão usados por Ele.

CAPÍTULO 4

A Hora Chegou



Enquanto eu estava pesquisando, continuava lecionando em dois horários e fazendo um curso noturno de idiomas. Os cursos de Teologia e magistério já haviam sido concluídos, e o de enfermagem estava na fase final. Eu já estava então com 19 anos, e sabia que a hora da partida estava muito próxima. Só não conseguia imaginar em que circunstância ela aconteceria.

O final de mais um ano se aproximava, e recebi uma proposta muito boa de trabalho. Estava considerando se aceitava ou não, e outra proposta surgiu, melhor ainda que a primeira. Eram duas escolas grandes, com uma excelente proposta de ensino e um salário muito atraente. Na semana em que eu daria as respostas às duas escolas, pedi uma reunião com os pais de alunos para discutir a situação de cada um deles e me oferecer para dar aulas de apoio aos sábados para aqueles que estavam com maior dificuldade em algumas de minhas matérias. A reunião acabou e eu fiquei para corrigir alguns trabalhos em sala de aula; nesse momento, a porta se abriu e uma mulher entrou. Logo percebi que ela era uma mulher diferente. Suas roupas lembravam trajes bolivianos, sua pele era morena, seus cabelos eram lisos e compridos, e sua voz era carregada com um pequeno sotaque espanhol. Ela perguntou-me pela neta Maiara, que era por sinal uma

de minhas alunas mais inteligentes, e eu lhe disse que ela estava bem e passaria de ano direto. Não havia com o que se preocupar.

Ela olhava-me nos olhos e eu tive a impressão de que ela podia ver dentro de mim. Fez-se silêncio na sala. Eu queria continuar trabalhando, mas não podia. Havia uma presença grandiosa naquela mulher. De repente ela disse: "O que tu ainda fazes aqui? Não sabes que a hora é chegada? Que aquele povo boliviano te espera? Por que ainda pensas em propostas de emprego aqui neste lugar? Deus te quer no campo e eu vou te ajudar a chegar até lá".

Seu nome era Dagmar Negri. A partir daquele momento, nós estávamos unidas por toda a vida. Ela foi a mulher que Deus colocou na minha vida para me orientar, orar comigo e me ajudar. Agradeço muito a Deus por ter me presenteado com uma tutora tão cheia do Espírito Santo.

Recusei as duas propostas de emprego e comecei a arrumar a bagagem. A irmã Dagmar me acompanhou quando fui procurar meu pastor para falar-lhe do meu chamado, do preparo que havia feito e do campo que pretendia alcançar. As minhas mãos suavam frio e tremiam, e minha voz estava um pouco embargada pela emoção de finalmente estar ali me oferecendo para o serviço que tanto desejara. Ele me ouviu com atenção e me respondeu pausadamente:

— Veja bem, minha jovem, infelizmente não poderemos enviar você por algumas razões: já somos responsáveis por alguns missionários e não podemos, no momento, assumir a responsabilidade com mais um. E além do mais, você ainda é solteira e muito jovem. Nós também não costumamos enviar mulheres sozinhas ao campo. Sinto muito. Espere um pouco mais, case-se com alguém que também tenha um chamado como o seu e então, quem sabe, em um futuro próximo, possamos enviá-la.

Não posso explicar com palavras a dor que senti naquele instante. Eu não cabia no orçamento, era mulher, era solteira e era jovem. E isso me desqualificava para fazer a obra que eu há tantos anos me preparava para fazer. E essa história de precisar de um marido? Por quê?

Fiquei alguns segundos ali, parada, calada, sem saber o que dizer ou o que fazer. Tudo estava muito confuso para mim naquele instante. E agora? Devia desistir de tudo? Devia insistir com ele? Ou deveria confiar em Deus, somente nEle, partir só e sem cobertura?

Eu estava em um daqueles momentos cruciais que todos nós enfrentamos, quando temos que escolher entre o fácil e o difícil, entre retroceder diante da dificuldade ou avançar em direção ao desconhecido. No meu caso, entre partir obedecendo a um mandado do próprio Deus ou ficar porque não me enquadrava no perfil do homem.

Levantei-me, agradeci por ter me recebido, desculpei-me por ter tomado o seu tempo e me levantei para sair. Antes, porém, de abrir a porta, disse-lhe:

— Pastor, eu lamento não me enquadrar no seu perfil, mas acredito piamente que me enquadro no perfil do meu Senhor Jesus, porque do contrário Ele não teria me chamado. Aquele povo que eu ainda desconheço me aguarda e eu irei.

— Muito bem, vá. Que Deus a abençoe e faça uma boa viagem.

Saí de lá muito triste. Não entendia por que tudo aquilo estava acontecendo. Pensei que eu iria me apresentar como candidata ao campo missionário e seria alegremente recebida, apresentada à igreja e enviada ao campo.

Lá fora encontrei um irmão que já sabia do que seria tratado na reunião. Ao ver-me com os olhos úmidos, tratou logo de me consolar:

— Não fique assim, Kelem. Logo, logo você se casa com alguém que tenha chamada missionária e partirão juntos para o campo.

— Não, meu irmão. Eu não vou procurar homem algum, chamado ou não, sabe por quê? Porque eu já recebi o chamado de Deus. E Ele me chamou mesmo sabendo que eu sou mulher e sou solteira. Eu não tenho culpa se o critério do homem é diferente do critério de Deus. E eu não sei de que maneira, mas irei ao campo missionário. Em nome de Jesus.

Se eu desistisse por falta de apoio, é porque nunca teria sido digna do chamado que recebi.

Hoje compreendo o meu pastor e entendo que ele foi usado por Deus para me ensinar como Ele queria que fosse o meu ministério: baseado unicamente na confiança na capacidade provedora de Deus. O meu chamado deveria ser provado para que a minha fé fosse fortalecida.

No dia seguinte, depois de uma noite de muita reflexão e oração, comuniquei à minha família que partiria dentro de alguns dias. Minha mãe em nenhum momento me desestimulou a viajar. Ela sabia que Deus tinha um plano em minha vida e acreditava sinceramente que o melhor lugar para mim era bem no centro da vontade de Deus. Não importa se aqui ou em uma tribo de índios.

Recebi meu décimo terceiro salário, paguei as minhas contas, comprei algumas coisas para a viagem e uma boa mochila. Sobraram-me R$ 30,00. A irmã Dagmar viajou para o Amapá e perdemos o contato. Verifiquei o mapa e estudei a rota com muita atenção. Fiz uma pesquisa de preços para a viagem aérea, terrestre e marítima. A rota marítima era sem dúvida a mais barata, apesar de ser bem mais demorada. Eu precisaria ir de barco até Santana do Amapá e de lá seguiria também de barco até Porto Velho, em Rondônia. A partir daí eu seguiria de ônibus até Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia. O dinheiro que eu tinha só dava para chegar até Santana do Amapá; dessa cidade em diante, Deus seria o único responsável pela minha subsistência.

Para partir eu precisaria de apenas mais uma coisa: eu não poderia abrir mão de uma carta de recomendação e fazia questão de que essa carta me identificasse como missionária. Orei a Deus e no dia seguinte, pela manhã, fui até a Sede da Convenção dos Ministros da Assembleia de Deus do Estado do Pará. Depois de certa espera, fui recebida pelo pastor Gilberto Marques de Souza, presidente da Convenção. Eu sabia que ele era um homem muito ocupado, e por isso resumi ao máximo a minha história. Ele me ouviu com muita atenção e em seguida contou-me acerca de seu próprio chamado, de como saiu de São Paulo deixando para trás tudo o que possuía e abrindo mão de um futuro que certamente seria muito promissor,

para vir morar em Belém do Pará com toda a sua família, guiado por uma visão de uma bússola que apontava para o norte e pela certeza de que Deus o estava chamando. Ele obedeceu e Deus nunca o desamparou. Sentimos uma presença gloriosa naquela sala e não seguramos as lágrimas. Deus se fez presente ali de uma maneira que não deixou nenhuma dúvida acerca de sua vontade.

O pastor Gilberto me perguntou do que eu estava precisando, e eu lhe disse que precisava de uma carta de recomendação. Ele então me perguntou do que mais eu precisava além da carta e eu lhe respondi que não precisava de mais nada. O melhor ele já havia me dado através de sua atenção, do relato de sua própria experiência, de sua oração e de sua disponibilidade em ajudar.

Ele me deu uma bela carta de recomendação. E eu saí de lá louvando ao Senhor, profundamente grata por ter um presidente de visão espiritual e sem conceitos pré-concebidos. O pastor Gilberto e sua esposa, irmã Alice, influenciaram de maneira muito positiva a minha vida e eu louvo a Deus pelo privilégio de tê-los conhecido e de ter sido, tantas vezes, socorrida por eles.

Agora já não faltava nada. O dia da viagem chegou e depois de uma despedida emocionante deixei para trás a minha mãe, meu pai e meu irmãozinho. Não foi fácil, mas Deus me confortou. Talvez tenha sido mais difícil para quem ficou.

Comprei a passagem até Santana, que custou R$ 30,00, e embarquei sem nenhum dinheiro, mas com o coração cheio de alegria por estar, pela graça de Deus, obedecendo ao seu chamado. Foi uma noite tranquila.

Eu sabia que enquanto eu dormia Deus estava trabalhando.

Em nenhum momento eu fui corajosa, supercrente ou especial. Nenhum sentimento nobre tinha em mim sua origem, e sim em Deus. Era Ele que me capacitava diante de cada nova circunstância ou qualquer aparente dificuldade. É Ele que faz todo o trabalho, e somente o que temos que fazer é acreditar e obedecer.

Avistei a cidade de longe e fiquei na proa esperando o barco ancorar no porto. Desci segurando minha mochila, sem saber para onde ir, a quem procurar, o que fazer. *Senhor, eu estou aqui, no centro da tua vontade. Não tenho plano B, dependo totalmente de ti. Onde está o milagre, Senhor? Vem da direita? Vem da esquerda? Eu só sei que ele vem, e quero estar olhando para a direção certa quando ele chegar*, pensei. Foi então que vi, ao longe, uma mulher que parecia procurar alguém. Ela caminhou até mim, disse que estava à minha espera e Deus lhe tinha revelado que eu chegaria ali naquele dia. O Senhor lhe havia ordenado que me hospedasse e cuidasse de mim como uma mãe cuida de uma filha. Deus havia revelado tudo que deveria ser feito. Ela era Dagmar Negri.

Nós nos abraçamos demoradamente. Fomos para a casa de um casal amigo dela no centro da cidade, que a estavam hospedando, e eles me receberam maravilhosamente bem. Depois de me instalar, tomar um banho, almoçar e descansar um pouco, contei a ela tudo o que estava acontecendo.

— Irmã Dagmar, resolvi confiar em Deus para suprir todas as minhas necessidades e parti em direção ao campo missionário. Não tenho mais dinheiro e não tenho a menor ideia de como vou continuar a viagem, mas sei que Deus está cuidando de mim. Eu nem sabia onde iria dormir hoje e olhe só como estou bem acomodada.

— Não se preocupe, minha filha, Deus está no comando. Amanhã, pela manhã, nós iremos a um lugar e lá Deus vai lhe mostrar o seu poder.

No dia seguinte, bem cedo, partimos em direção à Convenção de Ministros das Assembleias de Deus do Estado do Amapá. Eu estava muito apreensiva; afinal, não estava no meu Estado, não conhecia aquele pastor e não sabia o que iria dizer a ele. A irmã Dagmar me disse que eu deveria ficar calma e não me preocupar; apenas esperar para ver o que Deus faria.

Depois de uma curta espera, fomos recebidas pelo pastor Lucifrancis Barbosa Tavares — o presidente da Convenção. Entramos no gabinete e fomos convidadas por ele a sentar. Após os cumprimentos,

ele nos perguntou em que poderia nos ajudar. Foi a irmã Dagmar quem respondeu:

— Pastor Lucifrancis, esta jovem está indo para a fronteira do Brasil com a Bolívia para trabalhar com índios.

Seguiu-se um silêncio. O pastor então me fez algumas perguntas:

— Que igreja a está enviando?

— Nenhuma. É Jesus que está me enviando — respondi.

— Quem sustenta financeiramente seu ministério?

— Ninguém. Pastor, eu estou começando agora.

— Você conhece alguém na fronteira para onde está indo?

— Não senhor.

— Você fala espanhol?

— Não.

Eu estava nervosa com o rumo que aquela conversa estava tomando e profundamente envergonhada com minhas respostas. Tinha quase certeza de que o pastor a qualquer momento nos pediria licença e nos diria que tinha mais o que fazer. Foi então que ele fez a última pergunta:

— Tens uma carta de recomendação?

Enfim pude responder positivamente:

— Sim, tenho uma carta assinada pelo presidente de minha Convenção. (Que alegria poder dar aquela resposta.)

Ele examinou cuidadosamente a carta e em seguida quis fazer uma confirmação:

— Kelem, estou vendo aqui que seu sobrenome é Gaspar. Diga-me, você tem algum parentesco com um irmão chamado Waldemir Gaspar?

— Sim, pastor, ele é meu tio, irmão de minha mãe. Por quê?

— Porque foi ele que ganhou a minha família para Jesus e eu me lembro que ele ia todo dia fazer o culto doméstico em minha casa. Nunca me esqueci do irmão Waldemir e estou muito feliz em ter notícias dele novamente. Muitas vezes orei por ele e sempre desejei uma oportunidade de poder fazer alguma coisa pelo Waldemir, e você está aqui hoje como resposta às minhas orações. Não se preocu-

pe, você está em casa e Deus lhe dará tudo de que você precisa para chegar ao campo de missões. Dê-me o endereço da casa onde está hospedada. Amanhã pela manhã, um casal membro da secretaria de missões em Santana, onde sou pastor, vai buscá-la para que você seja hospedada e apresentada à igreja no culto da noite. Vamos fazer uma agenda para que você visite todas as nossas congregações e, em seguida, as demais cidades do Estado. Deus vai abençoá-la aqui.

Meus olhos se encheram de lágrimas de gratidão ao Senhor. Nem no mais ousado dos sonhos eu esperaria tanto.

Nosso Deus é um Deus de surpresas e de incríveis reviravoltas.

No dia seguinte, ainda pela manhã, o irmão Jefferson e sua esposa Genilsa chegaram para me buscar. A irmã Dagmar se despediu de mim com a certeza do dever cumprido e nós seguimos para Santana. Lá, fui acolhida na casa e no coração da família Araújo, um dos mais belos presentes que recebi de Deus em todo o meu ministério. A comunhão foi tão grande que passei a ser considerada da família e a considerá-los como meus pais e suas belas filhas como irmãs. Eles significaram para mim mais do que posso expressar com palavras.

Minha permanência na cidade de Santana durou cerca de dois meses, e foi uma intensa rotina de estudos e pregações sobre missões em todas as congregações. Houve um encontro de obreiros na cidade de Porto Grande, e ali o pastor Lucifrancis conversou com alguns pastores e eu fiz uma agenda com visitas a quase todo o Estado para ministrar acerca de missões. Fui muito bem recebida em todos os municípios e levantou-se no Amapá um grande número de intercessores pela causa missionária.

Tive a oportunidade de conhecer os índios Waiãpis, uma etnia com uma cultura impressionantemente preservada, com contato direto com pouquíssimas pessoas. Viviam exclusivamente da caça e da pesca, não usavam nada sobre o corpo a não ser pinturas de urucum e jenipapo e um fio amarrado na cintura; bebiam muita chicha (uma bebida alcoólica feita de milho ou macaxeira cozida, mastigada e cuspida

em uma grande panela e deixada ali por vários dias para fermentar); viviam em uma sociedade bem organizada e de papéis bem definidos; eram alegres e sorridentes, gostavam muito de comer, beber e contar histórias. Passei poucos dias ali, mas o suficiente para conhecê-los, amá-los e respeitá-los em sua cultura e costumes. Compreendi que todos os povos consideram seus costumes certos e sua cultura ideal, e que a minha própria bagagem cultural não poderia se interpor entre eles e o evangelho. Eu precisaria me adaptar a eles, e não os índios a mim. As reuniões diárias para comer e beber, os banhos comunitários na cachoeira, a nudez permanente e todas as outras particularidades nunca foram empecilho para o conhecimento do evangelho, a aceitação de Cristo como único e suficiente Salvador e a perseverança em uma vida plena e de acordo com a vontade de Deus.

Após essa permanência na aldeia, retomei a viagem até o último município da escala. Estava muito cansada, mas extremamente satisfeita com os resultados. Deus estava honrando meu ministério e eu só tinha que agradecer.

Um dia antes da minha partida de Santana, fui participar de um jantar de despedida onde estavam presentes o pastor Lucifrancis e sua esposa, irmã Lúcia, a secretária de missões, alguns membros do ministério e parte da família Araújo. Antes do jantar, o pastor fez o seguinte comunicado: "Kelem, Deus trouxe você até aqui com um propósito e nós não podemos deixar que você parta sem nos comprometermos com a nossa parte. Quero lhe dizer, em nome da igreja em Santana e da Secretaria de missões, que você pode descer no poço que nós seguraremos a corda para você. A partir de agora você é missionária desta igreja e nós lhe daremos o suporte financeiro e toda cobertura espiritual de que você precisar".

Agora eu já não estava só; Deus havia me dado um pastor, uma secretaria de missões e o apoio de uma igreja. Com tudo isso só podemos concluir que Deus é verdadeiramente fiel em cada uma de suas promessas.

A oferta colhida nos interiores foi suficiente para comprar uma linha telefônica para minha mãe, para que pudéssemos nos falar

quando possível, e as passagens até a fronteira, algumas roupas de frio, uma mala e uma máquina fotográfica.

Enfim, Deus proveu tudo de que eu precisava.

Embarquei num grande navio para Manaus e de lá segui em outro para Porto Velho. Durante a viagem, aproximou-se de mim um homem cheio de joias, que se apresentou como proprietário de um garimpo. Quando eu lhe disse que estava indo para o campo de missões, ele olhou bem dentro dos meus olhos e disse-me: "Vais desperdiçar toda a tua vida com esse trabalho? O que tu pensas que te espera lá? Olha, eu vou te dizer o que te espera. Lá não terás amigos, passarás fome, tua pele vai envelhecer, teus cabelos vão queimar, tua mão ficará cheia de calo e, no final de tudo, quando estiveres velha e cansada, verás que nada valeu a pena. A tua mãe precisa de ti, tu és a única esperança de tua família...".

Não pude suportar as lágrimas nesse momento da conversa. Ele então me ofereceu o que disse ser uma grande chance, um emprego como enfermeira no seu garimpo. O salário seria em gramas de ouro e ele me garantiu que cada garimpeiro tratado também daria sua gratificação em ouro. Disse também que a outra enfermeira estava se aposentando, e que o cargo estava à minha disposição. "Imagina só, Kelem, você voltando para a casa de sua mãe com ouro suficiente para realizar todos os seus sonhos e todos os sonhos de sua família... Missões é para quem não tem outra opção, para pessoas sem talentos, para quem está no fim... Você é jovem, precisa pensar em você e no seu futuro."

Aquele homem me falou de sentimentos muito profundos. Eu sabia que ele não falava por si mesmo, e sim pelo único interessado em me fazer desistir, o próprio Diabo.

Disse a ele que nada do que me oferecesse me faria mudar de ideia, que eu não me sentia uma coitada por estar partindo para o campo missionário e sim uma privilegiada, e quanto à minha família, certamente Deus cuidaria dela e supriria suas necessidades. Se eu não fosse missionária, seria uma mulher frustrada, mesmo coberta de ouro, porque não estaria cumprindo o propósito para o qual havia nascido.

São impressionantes as armas que Satanás usa para nos desviar do alvo. Entendi que uma das melhores definições de missões é a morte do eu. Deus precisou trabalhar o meu ego durante longos anos antes da partida para o campo missionário. Eu entendi que missão é pagar o preço da renúncia pessoal, vai muito além de sermos reconhecidos. Missão não é por nós, é por Ele e para Ele. Deus necessitou desse tempo para trabalhar o meu caráter e a minha personalidade. Passei quatro anos no deserto, e se você tem chamada missionária, também precisará ir. Deus precisará desse tempo com você para sará-lo e moldá-lo. Ninguém deveria partir para o campo sem antes ter valiosas (e algumas vezes dolorosas) experiências pessoais com Deus.

Cheguei a Porto Velho em um final de tarde depois de quatro dias de viagem e de lá segui para Guajará-Mirim. Cheguei à cidade em um domingo pela manhã e me dirigi à casa pastoral do município. O presbítero Jarede e sua esposa Mariete eram os moradores da casa e me acolheram com muito carinho. O Pastor José Posidônio Aparecido da Silva era o pastor presidente do campo e assim que foi avisado de minha chegada, veio ver do que se tratava exatamente.

Eu lhe relatei minha chamada para trabalhar com índios naquela fronteira, a minha luta para chegar ali e a minha alegria por finalmente estar no campo missionário. Ele me ouviu um pouco desconfiado. Disse-me que ali, por ser uma área de fronteira, era muito procurada e que ele mesmo já tinha ouvido muitas histórias, e boa parte delas eram falsas. Também disse achar estranho uma missionária tão jovem e ainda por cima solteira.

Mostrei a ele minha documentação (das duas convenções: Pará e do Amapá) e disse-lhe:

— Pastor, eu entendo perfeitamente sua preocupação e quero deixar claro que não estou aqui à procura de dinheiro ou de qualquer outra coisa. Só preciso do seu auxílio para chegar à aldeia indígena. Por favor, acredite em mim, o meu chamado é real.

Então, ele me disse:

— Fique hospedada na casa pastoral por uns dias. Enquanto isso nós estaremos orando para saber qual a vontade de Deus em relação a este negócio.

Passei toda a semana orando para que Deus falasse ao coração do pastor acerca da minha ida ao campo e participando dos cultos.

A igreja em Guajará-Mirim é uma igreja hospitaleira e abençoada. Fiz grandes amigos lá. Depois de uma semana, fui chamada novamente ao gabinete: "Kelem, organizei uma viagem para que você conheça algumas das aldeias da região. Vamos ver se Deus fala com você a respeito de alguma delas para que saibamos qual será o próximo passo".

Meu coração quase explodiu de tanta felicidade.

As viagens foram feitas em grupo, e conheci muitas das aldeias da região. Algumas eram bem próximas da cidade e outras bem mais distantes. O que todas tinham em comum era o quadro de total miséria e abandono: As casas eram baixas, cobertas de palha, com um pequeno aposento cercado de palha ou de paxiúba (o açaizeiro, partido ao meio, cujas bandas servem para fazer paredes de casas e assoalhos), sem nenhuma janela, o que o tornava escuro e abafado. Na frente do cubículo havia o pátio aberto que servia como cozinha, como sala e como dormida para índios de outras aldeias.

Havia muitos índios doentes e a maioria das crianças estava gripada e com o ventre inchado por causa dos vermes. Geralmente, a única alimentação eram alguns pedaços de macaxeira cozida. Os índios me pareceram tristes e desconfiados. Era rara uma casa onde não houvesse alguém acamado por alguma enfermidade, e o índice de desnutrição entre as crianças e os idosos era muito alto. Nos olhos deles só havia desesperança e medo.

Senti-me pequena e impotente. Afinal, o que eu poderia fazer de fato por aquele povo? O que eu tinha a oferecer? Como eu poderia escolher apenas um?

Disse ao pastor que não me sentia em condições de escolher uma aldeia e que seria muito bom se pudéssemos conversar com

alguém da Funai acerca da comunidade indígena realmente mais necessitada da região.

A conversa com o presidente regional da Funai foi marcada para o dia seguinte. Ele era um servo de Deus da Igreja Presbiteriana e compreendeu muito bem o que eu estava fazendo ali diante dele:

— Eu tenho um povo exatamente como você procura. Não é perto e não será fácil. Você irá como professora voluntária e terá que ter muito cuidado. Se estiver realmente interessada, daqui a três dias mando alguém levá-la até lá.

— Daqui a três dias estarei pronta. Muito obrigada pela oportunidade.

— Que Deus a abençoe e guarde, Kelem.

O pastor Posidônio fez uma campanha relâmpago e conseguiu um fogão de duas bocas e uma botija, mantimentos, um lampião a gás, uma rede e um mosquiteiro, um cobertor para os dias de friagem e uma série de outras coisas muito necessárias na região. Ele foi um verdadeiro pai durante o tempo que permaneci na região da fronteira. Atencioso, presente e sempre disposto a ajudar. Um homem de Deus com quem tenho uma dívida que jamais poderei pagar.

Dentro de três dias, após me despedir da igreja, embarquei na Toyota que me levaria ao meu primeiro campo de trabalho.

CAPÍTULO 5

A Chegada aos Pacaás-Novos



A expectativa era enorme, uma mistura de apreensão com entusiasmo. A viagem foi longa e cansativa. O motorista da Funai passou todo o tempo tentando me fazer desistir e, como não pôde, resignou-se.

Depois de percorrermos horas por uma estradinha aberta no meio da selva, finalmente chegamos. Meu coração disparou quando uma enorme aldeia, formando um semicírculo, surgiu depois de uma curva. As crianças aproximaram-se, curiosas. Os adultos afastaram-se, apreensivos. O motorista desembarcou a bagagem, me mostrou a pequenina casa em que me hospedaria e a escolinha em que eu trabalharia alfabetizando em português e trabalhando em um pequeno dicionário. Após perguntar mais uma vez se eu queria voltar para a cidade naquele instante e ouvir a minha recusa, despediu-se e partiu.

Eu me alojei e saí para dar uma volta. Os índios estavam pouco à vontade e eu também. Apesar de meus esforços para ser simpática e agradável, percebi que não era bem-vinda. O que eu poderia fazer agora? Sozinha, sem transporte, isolada, no meio da selva, com índios que não gostavam de mim e sem ideia do que fazer para alcançá-los.

Voltei para a casinha, fiz uma oração agarrando-me na certeza de que meu chamado era de Deus, como um náufrago se agarra a um

pedaço de qualquer coisa que pode salvá-lo da morte. Meu chamado me sustentava em momentos como esse. Deus havia me chamado. Ele havia me conduzido até ali. Ele entregaria aqueles índios em minhas mãos.

Quando amanheceu, havia muitos índios ao redor da casa. Homens, mulheres e crianças se acotovelavam para olhar pela pequena janela telada; todos queriam saber exatamente quem eu era e o que fazia, e também estavam curiosos para ver os utensílios que eu havia levado comigo. Tudo era novidade. Eu era o centro das atenções e eles me observavam o tempo todo. Saí para o terreiro da casa para que pudéssemos saciar nossa mútua curiosidade. As crianças se aproximaram primeiro, elas me tocavam, riam e saíam correndo para logo em seguida começarem tudo de novo. Elas me beliscavam e puxavam os pelos dos meus braços e pernas e também os meus cabelos. As mulheres estavam mais interessadas em me cutucar e em rir conversando coisas ininteligíveis para mim. Naquele momento, tive a certeza de que eles não iriam me machucar. Senti uma estranha paz em meio a todo aquele tumulto, e ria, ria muito, junto com eles, em uma bela comunhão.

Os pacaás-novos eram bilíngues, conheciam o português comercial, mas a partir daquele dia comecei a escrever em um caderninho todas as palavras novas que eu aprendia. Meu vocabulário aumentava a cada dia. Os índios raramente aceitam um evangelho que não lhes seja ministrado em sua própria língua.

A rotina era basicamente a mesma das outras aldeias que eu já havia conhecido. De manhã bem cedo, os homens saíam para caçar, enquanto as mulheres iniciavam o trabalho doméstico e as crianças se distraíam com pequenas tarefas e algumas brincadeiras. À tarde, os homens chegavam com alguma caça e então havia uma grande refeição. Cada família tinha a própria cozinha e preparava e comia a própria comida separadamente dos demais. A comida era feita sem a menor higiene e era terrivelmente sem graça e repetitiva. Dia após dia era sempre a mesma coisa: macaxeira cozida com alguma caça, também cozida e sem tempero, e, para acompanhar, a chicha, cujo

sabor continuava tão agradável como a maneira como era preparada, mas o que era realmente triste era a maneira como eles encaravam a vida espiritual. Eles acreditavam na existência de um Deus supremo e perfeito, mas não sabiam o seu nome e nem onde morava, por isso não tinham como chamar por Ele para que os protegesse e guardasse. A única realidade que conheciam era a existência próxima e sinistra de espíritos exigentes e vingativos que precisavam ser apaziguados e aplacados infinitamente e que nunca estavam satisfeitos. Viviam sob constante tensão e sofriam muitas ameaças: epidemias, sumiço das caças, esterilidade e morte, caso não cumprissem direito suas obrigações. Seus deuses só exigiam e nada davam em troca. Eles desconheciam completamente a Teologia do amor e da graça pregada pelo cristianismo.

Havia outros costumes, outras coisas que eu não conseguia compreender bem e aceitar, como por exemplo, o fato de todos se sentarem no chão, ao redor da comida e comerem desordenadamente, sem pratos individuais ou talheres, colocando as mãos, geralmente sujas, dentro das panelas para retirar suas porções. Os animais de estimação e as moscas também tinham lugar garantido nas refeições. Outro fato chocante era que se algum membro de uma família houvesse caçado uma anta ou qualquer outro animal de grande porte, a família se reunia em sua cozinha comunitária para comer em um só dia, toda a carne, sem compartilhar com mais ninguém, nem mesmo com os vizinhos mais próximos. Quando não podiam mais comer, iam para trás da cozinha, vomitavam e voltavam para comer de novo. Não havia laço de união entre as famílias.

Eram pessoas duras e insensíveis. Nunca presenciei o choro de um adulto e nenhum sinal de dor, tristeza ou remorso jamais fora demonstrado.

Comecei a me preocupar seriamente em como introduzir um novo conceito de vida totalmente baseado no amor, no companheirismo e no respeito ao próximo, sentimentos tão desconhecidos e até mesmo repudiados por eles. Foram muitas horas de oração até receber, de Deus, a estratégia: começaria pelas crianças.

No dia seguinte, bem cedo, vi as crianças se banhando na cachoeira e me aproximei. No começo elas se acanharam, mas pouco a pouco foram ficando mais à vontade. A ponte estava feita.

Nesse dia elas retomaram as aulas há muito tempo abandonadas. O galpão era amplo e coberto de palha, os móveis eram rústicos e o material didático, velho e incompleto. Uma a uma, as crianças começaram a chegar, nuas e famintas, para o início da aula.

Não houve aula nesse dia. As crianças não paravam de tirar piolhos umas das outras e pôr na boca. Algumas estavam cobertas de feridas, outras com as unhas muito compridas e sujas, e uma série de outros problemas. Levei-as para o rio e, após dar um banho caprichado, cortei as unhas, tratei das feridas e das coceiras, passei o pente fino para retirar os piolhos e tratei de outros problemas. O dia foi exaustivo e altamente compensador. Os índios gostaram de ver seus filhos cuidados e tratados com tanto carinho.

É interessante observar que os índios percebem com relativa facilidade se são apreciados realmente ou se estão fazendo parte de um teatro em que o missionário finge que ama e eles fingem que acreditam. Mas o fato é que só receberão o evangelho se ele vier coberto de amor, amor verdadeiro e sacrificial, um amor que ama quando o amor não faz sentido, que ama mesmo quando o amor é rejeitado, que ama o difícil de ser amado, que ama além da cultura, além dos costumes, além da aparência. Esse amor, manifestado por Cristo através do missionário, é a porta de entrada para o verdadeiro evangelho, que jamais será abandonado ou esquecido, mesmo após o retorno do missionário.

A Cultura

Os índios de nosso país são, em sua maioria, animistas, ou seja, sua religião consiste basicamente em aplacar ou evitar a ira de espíritos. Para que esses espíritos malignos sejam apaziguados, eles realizam uma série de rituais que envolvem dor, sangue, sacrifícios e morte.

Descobri que a segunda criança de um parto de gêmeos era morta de maneira cruel porque "receberam a informação" de que a

criança era, na verdade, um demônio querendo tomar a forma da primeira criança.

Assim que se detectava qualquer tipo de deficiência física ou mental, a criança era assassinada, pois acreditavam que a deficiência era uma maldição e que a única solução era a morte.

Orgias, estupros e incestos eram comuns e terrivelmente ameaçadores.

Fiquei chocada ao descobrir que, em certas ocasiões, a carne humana ainda era ingerida e apreciada.

É fácil julgá-los, vê-los como criaturas ignorantes e incapazes de compreender o evangelho; alguns afirmam categoricamente que o índio não tem alma e que é perda de tempo e de dinheiro qualquer iniciativa para alcançá-los. Mas eu só conseguia vê-los de uma maneira: pessoas famintas, morrendo vítimas das doenças e de costumes cruéis, vivendo na mais completa ignorância espiritual. Homens terrivelmente necessitados de Deus, que procuram desesperadamente encontrá-lo na natureza ou em alguns de seus rituais, morrendo sem conhecer o amor sacrificial de Cristo.

O Conhecimento de Deus

Continuei a dar aulas para as crianças no horário da manhã e a cuidar de sua higiene corporal para tratar os problemas de pele e evitar o retorno dos parasitas como piolhos, pulgas e carrapatos. Os tratamentos eram diários e aconteciam pouco antes do início das aulas. Cuidar daquelas crianças e conquistar, pouco a pouco, seu amor e sua confiança foi, sem dúvida, uma das mais ricas experiências da minha vida.

Havia outro problema a ser resolvido: as refeições eram pobres em vitaminas e proteínas e, além de tudo, em quantidade insuficiente e apenas duas vezes por dia. Um pedaço de macaxeira e um pouquinho de carne não supriam de nenhuma maneira, as necessidades nutricionais das crianças. O resultado eram crianças desnutridas, abaixo do peso e sem resistência às doenças.

O que fazer? Qual a maneira mais acessível de resolver esse problema? A resposta era clara, mas desafiadora: uma horta. Usei o termo desafiador porque não possuía, na época, nenhuma formação em horticultura. Em minha opinião, o evangelho não deve alimentar somente a alma, mas também deve alimentar o corpo. A história do povo tem que ser dividida em duas: antes e depois da chegada do evangelho de Cristo. E é o missionário esse agente de transformação.

Fiz uma viagem rápida (de carona em um caminhão que transportava esterco) até o município mais próximo, comprei sementes e me informei com o balconista acerca de como plantar hortaliças. Voltei à aldeia trazendo as sementes e um pequeno rancho que se resumia, basicamente, em ovos e farinha de milho.

A chegada à aldeia com as sementes deixou as crianças em alvoroço. O início dos trabalhos na horta envolveu todos os alunos e alguns adultos. Foi extremamente trabalhoso limpar, arar e regar a terra, pois o riacho era distante e tínhamos que carregar a água em baldes e latas. Alguns dias depois, fizemos a cerca e iniciamos o plantio. Após alguns meses e muito trabalho, já tínhamos legumes e verduras à vontade para abastecer todas as casas da aldeia.

Foram as crianças que primeiramente tiveram contato com o evangelho e aprenderam os primeiros cânticos de louvor e adoração ao Senhor. Pouco a pouco, dia após dia, elas ouviam acerca de Jesus e de seu maravilhoso amor. Faziam perguntas, entristeciam-se ou alegravam-se de acordo com o trecho da história que ouviam e a mensagem, através delas, começou a espalhar-se e a avivar-se no coração dos adultos, que pouco a pouco começaram a se interessar pelos ensinamentos. Propus, então, que realizássemos reuniões ao menos duas vezes por semana para que eles também tivessem a oportunidade de ouvir o evangelho e esclarecer suas dúvidas.

Os cultos tinham, no máximo, uma hora de duração e eram realizados geralmente no final da tarde, antes do jantar. As mensagens eram cristocêntricas e ressaltavam o amor, o perdão e a salvação oferecidos por Cristo gratuitamente a todas as pessoas de todas as raças, povos, línguas e nações. Falava sempre de seus ensinamentos e

promessas. Eles pareciam se impressionar muito com o que ouviam, faziam comentários e, às vezes, discutiam entusiasticamente acerca de algum ponto do sermão. Eu era auxiliada por um índio que falava relativamente bem o português e traduzia as palavras mais difíceis ou expressões desconhecidas. Eu falava um português bem simples e ficava bem alerta para perceber quando uma palavra não havia sido compreendida e então solicitava a ajuda do "Tocor'ongo", meu auxiliar. Eles eram muito racionais e inteligentes e conversavam com muita clareza acerca dos prós e dos contras de aceitar o evangelho.

Permaneci junto aos pacaás-novos por mais alguns meses, lecionando na escola, cuidando das crianças, da horta e dos doentes, pregando e discipulando.

As noites muitas vezes eram longas e difíceis, e a solidão e a depressão levantavam-se como dois gigantes quase impossíveis de serem vencidos. A rotina era exaustiva e difícil e a alimentação resumia-se em farinha de milho e ovos, únicas coisas que o meu parco salário me permitia comprar; só variava o cardápio quando alguma família indígena me convidava para comer. O cardápio geralmente era carne de caça cozida na água grande (com ou sem sal) e macaxeira cozida. A sobremesa poderia ser uma apetitosa cuia de chicha ou, se tivesse sorte, gordos e suculentos vermes de cocos babaçus, assados.

Um cuidado que procurei ter, desde o início, foi incentivar o desenvolvimento espiritual de cada índio. Descentralizar o trabalho missionário, dando a cada índio a oportunidade de orar, ler a palavra, cantar e testemunhar é a maneira mais segura de perpetuá-lo. Muitas vezes um índio vinha à minha procura e pedia um determinado conselho acerca de alguma situação. Eu então lhe devolvia a pergunta: "O que você acha que Jesus gostaria que você fizesse para resolver este problema?" Diante da resposta, que geralmente era a resolução correta a ser tomada, fazíamos uma oração e ele partia contente por Deus ter falado ao seu coração.

Outro cuidado que procurei tomar foi em relação às doações e ajudas às famílias indígenas, como dinheiro, alimento ou roupas. À primeira vista, parece certo o missionário querer suprir todas as

necessidades e atender a todas as solicitações, *mas é errado*, pois essas atitudes criam uma geração de novos crentes fracos e dependentes, que em vez de confiar em Deus para socorrê-los em suas dificuldades, transferem toda a fé para o missionário, que é humano e, por ser humano, pode falhar e não corresponder às expectativas, gerando frustração e amargas decepções à nova congregação. Então, quanto mais independentes e responsáveis eles forem, mais fortalecido estará o trabalho missionário.

Uma noite, fui subitamente acordada por pedidos de socorro. Uma jovem índia estava em um difícil trabalho de parto. Fui até lá rapidamente e a encontrei já sem forças; corríamos o risco de perder a mãe e a criança. O pai estava desconsolado. Fiz de tudo, mas nada parecia adiantar. Então resolvi levá-la para a cidade.

O caminho até a estrada era longo, estreito e perigoso. Organizamos uma caravana e, transportando a índia em uma rede atada a uma vara alongada, partimos. Após algumas horas, chegamos à beira da estrada e o resto da caravana voltou, ficando apenas eu, a índia e seu esposo.

Conseguimos uma carona em um caminhão que trabalhava transportando gado e estrume. Ela e o esposo foram na boleia, e eu viajei na carroceria cheia de dejetos e de sujeira. No início, estava disposta a fazer a viagem em pé, mas o cansaço e o sono acabaram com esse projeto. Resolvi sentar. Na verdade, eu estava muito preocupada com o fato de não ter dinheiro para comprar nada para mim, nem para a índia e sua criança. Orei para que o Senhor provesse de alguma maneira o dinheiro necessário para suprir as minhas necessidades de alimento para trazer à aldeia, de diesel para a lamparina de casa e do local de cultos, e de remédios para a farmácia.

A viagem foi longa e cansativa. Não pude mais resistir ao sono; resolvi deitar e dormir.

Chegamos a Guajará-Mirim de manhã, deixei a índia no hospital e fui para a casa pastoral. Lá sempre me recebiam o irmão Jarede e sua amável esposa, irmã Mariete. Notei um carro diferente na garagem da casa e observei que a placa era de Belém. O pastor Posidônio

me deu as boas-vindas e me convidou para entrar dizendo que havia uma surpresa para mim na sala de estar. Quando entrei, vi, sentados à mesa, o meu pastor, o secretário de missões da minha igreja e alguns outros membros do ministério. Eles me observaram demoradamente e mostraram-se surpresos — e de certa forma constrangidos — em me ver, e ainda mais naquela situação, toda suja de esterco e de lama... Saudei-os com a paz do Senhor e expliquei a razão de estar com aquela aparência. Eles estavam indo dar a posse a um obreiro em uma cidadezinha boliviana nas margens do rio Madeira-Mamoré. O secretário de missões, pastor Monteiro, demonstrou muita preocupação e interesse pelo trabalho que eu estava desenvolvendo lá na região e me deu 100 dólares de oferta e seu número de telefone, caso eu precisasse de alguma coisa. Aquela atitude dele significou muito pra mim e me deixou muito feliz, não pelo dinheiro em si, mas pelo fato de ele estar se importando comigo e me reconhecendo como missionária enviada por Deus para aquele trabalho.

Com a oferta do pastor Monteiro, comprei tudo de que estava precisando e retornei à aldeia para darmos início à construção do templo. Foram semanas de trabalho árduo e, na medida do possível, todos ajudavam de alguma maneira, principalmente as crianças. Precisamos entrar muitas horas na mata para buscar a palha necessária para a cobertura, que, depois de trazida à aldeia, precisava ser aberta e seca. Em um mês fizemos a armação e cobrimos com a palha nova. O nosso templo ficou lindo.

Os cultos eram realizados quase diariamente, e de todos os cantos da aldeia vinham índios com suas lamparinas e suas esteiras para adorar ao Senhor; havia cânticos, testemunhos e a pregação da palavra, que deveria ser sempre bem interessante para eles; caso contrário, eles dormiam durante toda a ministração, sem nenhuma cerimônia.

Com o apoio do pastor Posidônio, realizamos ali o primeiro batismo. Doze índios desceram às águas, em uma grande festa de louvor e adoração ao Senhor. Muitos irmãos vieram da cidade, em um caminhão, e realizamos dois dias de estudos preparatórios para

o batismo. No domingo, ao meio-dia, os índios desceram às águas, morrendo para o mundo e renascendo para Deus. Depois do batismo e do devocional, almoçamos todos juntos em uma grande confraternização.

Quando tudo acabou, senti no coração que o meu tempo ali estava chegando ao fim.

Algum tempo depois, recebi um comunicado da Funai dizendo que eu precisava me transferir para outra tribo que estava tendo uma série de problemas com bebidas alcoólicas, estupros e arruaças. Eles, ali na aldeia, já tinham um templo, conheciam ao Senhor Jesus, quase 40% da tribo já havia recebido ao Senhor em seus corações e estavam em condições de ganhar os outros. Era doído, mas eu realmente precisava partir para começar tudo de novo em outro lugar. Esse era o meu trabalho.

A despedida foi muito triste, e em determinado momento um dos índios levantou-se e colocou um colar em meu pescoço; seus olhos marejavam. Outro índio repetiu o seu gesto e assim, um a um dos que estavam presentes naquela reunião, presenteou-me com alguma pulseira, anel de tucumã (espécie de coco silvestre, de polpa amarela muito apreciada, cujo caroço é de cor preta e pequeno, muito resistente e que é usado para fazer anéis artesanais), bracelete ou colar.

O carro da Funai chegou cedo, arrumamos todas as coisas e partimos. Chorei muito a viagem inteira. Eu realmente amava aquele povo.

CAPÍTULO 6

Barranco Vermelho



Cheguei à cidade muito cansada, tanto física quanto emocionalmente. Só procurei o pastor no dia seguinte para falar de minha transferência. Ele mostrou-se muito preocupado e sugeriu que orássemos primeiro antes de aceitar o novo trabalho para termos certeza de que era mesmo a vontade de Deus.

Fiquei alguns dias descansando, e quando fui chamada ao gabinete pastoral, o pastor me indicou um campo em solo boliviano, na comunidade de Barranco Colorado. Em viagens missionárias anteriores, alguns nativos haviam se convertido, mas havia a urgente necessidade de evangelização e discipulado no pequeno povoado. Explicou o fato de estar tendo enorme dificuldade em conseguir um obreiro para esse local por causa da distância, da falta de comunicação e da extrema pobreza do lugar. Orei ao Senhor e decidi obedecer ao pastor e aceitar o desafio. Senti uma enorme paz com essa decisão. O Espírito Santo falou muito claro ao meu coração sobre esse povoado ribeirinho descendente de cambas e índios.

No dia marcado, chegamos cedo ao porto para embarcar a minha mudança, que se resumia em um colchão, um fogão de duas bocas, uma botija, uma caixinha com um rancho, alguns remédios e meus objetos pessoais. Viajamos cerca de três dias até aparecer,

depois de uma curva, um enorme barranco de uns 30 metros de altura, constituído de uma terra vermelha com uma pequena trilha até o alto, onde não se via nada, só uma mata densa e aparentemente impenetrável.

O barco atracou, desembarcamos todas as coisas e seguimos pela trilha; o lugar me pareceu pouco acolhedor e muito abandonado. Havia uma espécie de campo no centro, e as casas estavam dispostas ao redor, todas de palha, barro e paxiúba. Havia também uma enorme trilha e algumas casas distribuídas esporadicamente ao longo dela. Algumas pessoas me observavam com curiosidade, mas poucos se aproximaram ou foram simpáticos. Os irmãos que me acompanhavam despediram-se e partiram de volta para a cidade. Nesse momento, eu me dei conta de que estava só e não falava uma palavra em espanhol. Acomodei-me como pude em um pequenino aposento de barro que pertencia à "velha Lucha", uma senhora de idade indeterminada, com algum tempo de convertida e nenhuma ideia do que isso significava.

As primeiras semanas eu passei tentando me acostumar com a nova rotina de acordar antes das seis da manhã, ajudar a Lucha nos serviços domésticos, "quebrar o jejum" com chá de folhas de abacateiro e banana amassada no pilão com banha de porco (massaco, banana verde amassada no pilão e misturada com carne de caça). Normalmente, almoçávamos e jantávamos o mesmo prato de manhã. O restante do dia eu passava estudando o idioma, conhecendo as pessoas e tentando compreendê-las para melhor servi-las. Com pouco tempo e algum auxílio, já dirigíamos os cultos em uma pequenina choupana em um terreno doado para a igreja.

Ao todo moravam cerca de trinta famílias na pequena comunidade, que vivam da caça (já muito rara), da pesca de pequenos pescados e da plantação de milho, banana e arroz. O problema era que a quantidade colhida era insuficiente para sustentá-los até a próxima colheita e então a fome os maltratava. Como era de se esperar, as crianças eram as principais vítimas dessa falta de planejamento. Como as opções eram poucas, nos alimentávamos basicamente de

arroz cozido, banana pisada (massaco), chicha de milho e, muito raramente, carne.

Não havia nenhum tipo de saneamento básico. O nosso banheiro era na beira de uma ribanceira de uns dez metros de altura, atrás de um tabocal. Precisávamos fazer nossas necessidades fisiológicas na beira do barranco, segurando em uma taboca (bambu); praticamente suspensos no ar, de modo que os dejetos caíssem no barranco. Cada ida ao banheiro era uma aventura difícil e perigosa.

Havia trilhas imensas que nos davam acesso a outras duas comunidades, igualmente sem nenhum tipo de trabalho missionário. As casas eram distantes umas das outras e as pessoas, com raras exceções, não podiam conceber a ideia de uma mulher liderá-los espiritualmente. Um deles me perguntou certa vez se eu tinha certeza de que a mulher tinha alma...

Esse machismo foi um gigante difícil de ser vencido, pois em muitas ocasiões eu não era levada a sério e minha palavra não era considerada. Eles imaginavam que eu ganhava muito dinheiro para trabalhar com eles e por essa razão deveria suportar e relevar todo e qualquer tipo de afronta. Eles não acreditavam e nem podiam aceitar a ideia de que eu estava ali por amor, me faziam muitas exigências e me criticavam severamente quando não eram atendidos. Senti uma solidão muito grande e um desânimo aterrador nos primeiros meses.

A cada dois meses eu ia fazer compras na cidade, de passagem com algum canoeiro da vila ou de alguma vila próxima. As canoas iam carregadas de mercadorias e bagagens, e os passageiros arrumavam-se como podiam em cima dos volumes. Não havia cobertura nas canoas e com frequência enfrentávamos chuvas violentas e sol causticante. Viajávamos, aproximadamente, 15 horas descendo o rio, até a cidade de Guayará, extremo norte da Bolívia.

Chegava à cidade geralmente à noite e, sem dinheiro para ir para um hotel e sem conhecer ninguém o suficiente para alojar-me em sua casa, dormia em qualquer canoa, no porto mesmo, o que não era difícil levando-se em consideração o cansaço da viagem. No início da madrugada, algumas canoas começavam a fazer viagens

clandestinas ao Brasil, transportando contrabando e foragidos da polícia boliviana. Assim que me viam, ofereciam-se para me levar ao Brasil. Como eu não tinha dinheiro para atravessar nos barcos oficiais e nenhuma outra opção, aceitava de bom grado. Nunca me desrespeitaram e sempre me trataram como uma mulher de Deus. Às vezes, tudo isso era em vão, porque, ao chegar ao Brasil e ir até o banco, não encontrava lá nenhum centavo.

Não dá para expressar com palavras o que eu sentia nessas ocasiões. A sensação de abandono e solidão invadia a minha alma e a abatiam até quase ao extremo. Uma vez, uma secretaria de missões informou-me que não havia depositado nada porque tinha outras prioridades naqueles meses, como uma reforma na casa pastoral, por exemplo. E além de ter de retornar ao campo de mãos vazias, ainda teria que enfrentar a desconfiança do povo que achava que eu estava me recusando a partilhar com eles o que havia trazido da cidade. Porém, quando imprevistos como esses não aconteciam, eu fazia as compras do rancho e dos remédios e teria ainda que enfrentar dois dias de viagem subindo o rio Madeira-Mamoré até a vila.

Assim que a notícia de que eu havia chegado da cidade se espalhava, eu começava a receber visitas de todos os lados, todos interessados em alguma coisa para suprir suas urgentes necessidades. O pequeno rancho eu entregava todo à irmã Lucha, e, a partir daí, não o via mais. Até hoje não sei o que ela fazia, se guardava, vendia ou comia quando eu não estivesse por perto... E voltávamos ao chá com massaco. Eu fazia de tudo para agradá-la, porém por mais que me esforçasse, a cada dia parecia mais difícil ser aceita por ela.

Resolvi fazer uma pequena separação na cabana onde os cultos eram realizados, para que eu me mudasse para lá e tivesse um pouco de liberdade e privacidade para orar, ler a Bíblia, receber visitas e administrar melhor o rancho, já que qualquer uma dessas coisas me era impossível fazer na casa de minha anfitriã.

Minha nova casa tinha 3,5m x 2,5m. Era muito pequena e quente, com uma pequena porta e uma janelinha. Mas, para mim, era um palácio. Passei a visitar mais as casas da vila e a receber visitas com

frequência (a minha sala de estar era o pequenino salão de reuniões). Em consequência disso, a assistência aos cultos tornou-se maior e logo o pequeno salão já não comportava o número de ouvintes.

Famílias inteiras aceitavam a Jesus em nossos cultos. Alguns vinham de muito longe, onde não havia nenhum trabalho missionário, para ouvir a mensagem do evangelho. Espiritualmente não poderia estar melhor, mas, humanamente falando, os problemas eram muitos e pareciam muito difíceis de serem resolvidos: havia muitos doentes, a maioria das crianças estava abaixo do peso porque só tinham uma ou duas parcas refeições diárias, o meu rancho era pouco para atender a todos e, em muitas ocasiões não havia nada para oferecer às pessoas que vinham de tão longe para conhecer ou cultuar a Jesus Cristo. Às vezes, Deus nos socorria com demonstrações maravilhosas de poder, como em um domingo em que um pato alimentou vinte e duas pessoas que vieram à Escola Dominical e "resolveram" ficar para o almoço. Além de tudo isso, havia o fato de muitos terem de permanecer em pé durante todo o culto por falta de bancos e de espaço.

Resolvi plantar uma horta para suprir algumas das necessidades nutricionais das crianças e de alguns adultos doentes. Tarefa árdua. Fizemos um mutirão (era de extrema importância que todos fossem envolvidos no projeto) e fomos buscar a madeira roliça do outro lado do rio, em pequenas canoas. Plantei as sementes e todos os dias nos revezávamos para regar, porque a água era distante e era dificílimo o transporte, mas depois de poucos meses todo o esforço valeria a pena. A colheita de legumes e verduras era contínua e diversificada.

Comecei a ministrar um curso básico de Teologia para os irmãos de Barranco. A classe estava sempre cheia, e os alunos, cada vez mais interessados. Quem não sabia ler acompanhava como ouvinte, e quem já era alfabetizado recebia um kit com caderno, caneta, lápis, borracha, apontador e Bíblia.

O Exercício da Fé

Resolvi propor a construção de um templo novo com os recursos dos próprios irmãos. Eles ficaram chocados, levantaram-se ime-

diatamente para dizer que não possuíam dinheiro, mal tinham o que comer e que não havia a menor possibilidade de arcarem com uma construção, ainda por cima da maneira que eu estava sugerindo — um belíssimo templo de cinco metros de largura por trezes metros de comprimento, coberto com telhas, cercado de madeira serrada, com piso, púlpito, duas portas, seis janelas e vinte bancos.

Respondi-lhes dizendo que estava na hora de eles conhecerem melhor o Deus a quem estavam servindo, o Deus dono do ouro e da prata e que age segundo a fé que depositamos nEle. O Deus que gosta de desafios. Afinal, é a fé, e não o Real ou o Bolívar, que é a nossa moeda.

Era época de colheita de arroz, e muitos plantadores andavam à procura de segadores, porque se o arroz não fosse colhido a tempo, toda a colheita se perderia. Então fiquei sabendo de um agricultor que oferecia metade do arroz colhido a quem o ajudasse a terminar a sua ceifa. Propus aos irmãos que nos uníssemos e fôssemos auxiliá-lo. Depois venderíamos a nossa parte do arroz e daríamos início à construção. Eles aceitaram receosos, mas aceitaram.

A ideia era muito mais abrangente do que a simples construção de um templo. O projeto consistia na união do povo em torno de um objetivo em comum, era um projeto que envolvia amor, união, companheirismo, paciência, fé e perdão. Muitos conflitos e reconciliações aconteceram em meio aos campos de arroz. Foi lá que a nova igreja se fortaleceu; foi ao ar livre, enfrentando sol, chuva e fome, que aprendemos a nos ver como irmãos.

Acordávamos às cinco da manhã, tomávamos o chá com massaco, colocávamos o litro de chicha na cintura e saíamos para a lavoura. Trabalhávamos o dia todo, até as cinco da tarde. À noite, nos reuníamos para adorar ao Senhor Jesus no pequeno templo, sentados em bancos estreitos e desconfortáveis, iluminados pela luz do lampião, muitas vezes com fome e completamente exaustos.

A nova rotina era difícil, principalmente para mim, que nunca havia trabalhado na roça e nem enfrentado uma rotina tão extenuante. Mas víamos adiante: víamos nosso sacrifício tendo recom-

pensa, nosso templo construído e o nome do nosso Deus exaltado e glorificado.

No final da colheita recebemos nossa parte: oito sacas de sessenta quilos de arroz, que eu levei a cidade para vender e vendi tudo a um bom preço, parte na Bolívia e parte no Brasil. Comprei todo o combustível necessário para serrar a madeira (gasolina, óleo dois tempos, óleo queimado), serras, limatões, uns galões de tinta, sacas de cimento, pregos, dobradiças, fechaduras e, complementando com o meu salário e mais algumas ofertas voluntárias, parte das telhas e outros utensílios. Um irmão boliviano chamado Jorge se ofereceu para serrar toda a madeira de graça e, com todos trabalhando, demos início à construção. Nós todos íamos para o mato, ajudar a serrar e a carregar a madeira. Eu acordava muito cedo para cozinhar e depois ir para a mata fazer a minha parte. Em vinte dias a madeira estava toda serrada, já havíamos limpado o terreno e demos início à armação da casa. Logo ela estava cercada e parcialmente coberta. Fiz outra viagem para a cidade porque faltavam muitos outros materiais e comida para os trabalhadores. Fui sem ideia de como ia conseguir dinheiro, mas eu sabia que Deus promoveria todo o necessário para o final da obra. Alguns irmãos haviam contribuído com o que podiam em uma demonstração de fé e desapego que eu nunca havia visto. Alguns trabalhavam em serviços pesados por dez bolivianos por dia (cerca de quatro reais) somente para poderem contribuir com a construção. Cheguei à cidade com cerca de cinquenta reais, precisaria de, pelo menos, mais quinhentos para terminar a obra.

Não pedi nada a ninguém, não por orgulho, mas por ter consciência de que eu estava na folha de pagamento de Deus e que estava fazendo a sua obra, sendo Ele, somente Ele, o responsável por todas as provisões necessárias.

Alguns irmãos contribuíram espontaneamente, eu fiz um empréstimo no banco e comprei parcelado parte do material. Voltei à vila com todo o material necessário e alguns pedreiros e carpinteiros voluntários, muito grata a Deus por todas as portas abertas.

Em quarenta e cinco dias o templo estava pronto.

A Doença

Depois da pré-inauguração, comecei a sentir meu corpo estranho, uma terrível indisposição, dor de cabeça, muito sono e nenhuma fome. Dormi quase três dias; só levantava para me arrastar até o pote e beber água. Imaginei que eu estava simplesmente cansada e indisposta, mas, ao receber a visita de um índio, ouvi a seguinte frase: "Irmã, seus olhos, sua pele, tudo está muito amarelo".

Procurei um pequeno pedaço de espelho e verifiquei que ele tinha razão. Meus olhos estavam realmente muito amarelos, e a minha pele também, principalmente a palma das mãos.

O índio, então, pediu que eu urinasse em um recipiente para que ele verificasse de que cor estava minha urina. Entrei na casa, procurei um recipiente e, após ter urinado, trouxe-o para que ele examinasse. Depois de uma cuidadosa verificação, ele me disse, preocupado, que eu deveria ir embora para minha terra imediatamente, visto que duas pessoas morreram com os mesmos sintomas havia pouco tempo.

Foi uma partida sofrida, terrivelmente dolorida para mim e para muitos dos que ficaram na beira do barranco. Embora tenha sido o campo em que mais sofri, em que mais me senti só, em que mais fui provada, que mais me exigiu — muitas vezes exigências muito além da minha capacidade de supri-las —, eles foram o povo que marcou o meu coração de modo mais profundo. Algumas marcas felizes, causadas por imensas alegrias, e outras marcas duras e difíceis, causadas por situações que me mostraram de maneira bem nítida as minhas limitações e fraquezas. Saí deixando para trás um belíssimo templo construído e um povo amadurecido o bastante para continuar sua caminhada em direção ao céu.

Fui à Bolívia me tratar e aproveitei para participar da Convenção Estadual das Assembleias de Deus. Lá encontrei o pastor Izaquiel Barbosa, um pastor ousado e cheio do Espírito Santo. Ele me disse: "Missionária Kelem, eu estive pensando e orando a respeito de um assunto e resolvi partilhá-lo com você. Há cinco anos,

eu e um grupo de irmãos intercedemos por uma tribo indígena na fronteira do Brasil com o Peru, em dois rios chamados Purus e Chandless. São índios perigosos, animistas, praticantes do canibalismo em algumas situações e responsáveis, segundo informações, por algumas mortes ocorridas na região. Eu procuro há muito tempo alguém que se disponha a abrir um trabalho missionário nesse lugar. Quero que você ore a esse respeito".

Meu coração disparou, uma emoção inexplicável tomou conta de mim. "Vou orar em relação a esse assunto", respondi.

Passei todo o dia pensando nesses índios, e quanto mais eu pensava neles, mais os amava e mais me sentia comprometida. À noite, orei ao Senhor sinceramente acerca de minhas limitações, medos e ansiedades, e lhe declarei o desejo de fazer alguma coisa em favor desses índios... Chorei, chorei muito, até sentir uma paz tremenda invadindo o meu coração. Deus me queria de alguma forma envolvida com esse povo.

No dia seguinte, durante o café da manhã, contei ao pastor Izaquiel que eu estava me apresentando como voluntária para iniciar o trabalho de evangelismo e discipulado junto aos índios dos rios Purus e Chandless. Ele então me respondeu:

— Kelem, você está certa disso? Você sabe que pode morrer nesse trabalho?

— Pastor, se vivo, para Cristo vivo, e se morro, para Ele morro. Quer viva, quer morra, sou do Senhor.

— Muito bem. O único acesso até esse lugar é por água e você vai precisar de um barco de médio porte, um motor de alta potência, bomba d'água, grupo gerador, rádio de comunicação, diesel, mantimento, tripulação, etc.

Enquanto ele falava, escrevia simultaneamente em um pedaço de papel e, ao terminar, entregou-me o papel com todos os itens descritos em detalhes.

— Pastor, quanto custa tudo isso?

— Aproximadamente 100 mil reais.

— E onde eu vou conseguir tanto dinheiro?

— Isso não é problema meu e nem seu. Você está na folha de pagamento de Deus e Ele proverá todo o necessário. Se em um ano você não tiver o barco e todo o resto, vamos entender que Deus não quer você lá.

— Está bem. Daqui a um ano terei o barco e todo o resto.

Voltei para Barranco Colorado e comecei a orar a Deus por um obreiro para assumir o novo templo e dar continuidade ao trabalho. Já haviam se passados três meses desde a Convenção, e eu só tinha nove meses a partir de então para captar recursos para a compra do barco.

Tive outra recaída e adoeci novamente. Não sei quanto tempo fiquei internada. Lembro-me de que dormia e acordava, sem noção do tempo, e sempre estava sozinha. Lembro-me pouco daqueles dias, apenas o suficiente para saber que, após a alta do hospital, fui recebida e cuidada com esmero na casa pastoral, e depois de estar um pouco mais recuperada, recebi a passagem aérea do meu tio Waldemir Gaspar, que financiou a minha volta a Belém. Enquanto estava internada, orava constantemente a Deus pedindo pelo povo que Ele me entregara. Precisava levantar, trabalhar e conquistar... Antes que meu fígado se desfizesse, eu ainda poderia olhar nos olhos de alguém e dizer que eu era uma testemunha viva de um Cristo vivo.

CAPÍTULO 7

A Chegada a Belém — O Início da Batalha



Minha mãe e meu tio Waldemir foram me buscar no aeroporto e, ao chegar finalmente em casa, dormi por mais ou menos quinze horas.

No dia seguinte, iniciei o tratamento com os remédios e os soros endovenosos. Os medicamentos eram caros, e, então fui procurar uma igreja que estava me dando suporte financeiro para que me ajudasse com o tratamento. Fiquei chocada com o que ouvi: "Kelem, sinto muito, mas não temos culpa de você ter adoecido e não temos nenhuma obrigação em assisti-la. Já que você está de volta e doente, teremos que transferir a ajuda que estamos lhe dando para um missionário que esteja na ativa. Lamento".

Imagino a reação de Deus diante de um quadro como esse.

Meu tio Waldemir comprou os remédios e minha mãe cuidou de mim até a minha total recuperação, que foi lenta e difícil. Às vezes eu ficava pensando, enquanto me recuperava, por que nem sempre as coisas saíam de acordo com o meu planejamento. Depois compreendi que Deus não dá a nenhum planejamento a glória e a honra que só pertencem a Ele.

Enfim, a recuperação total chegou três meses antes de encerrar o meu último prazo para levantar os 100 mil. E agora? Ainda bem que

Deus não precisa de tempo para trabalhar. Ele está acima do tempo. Em um milésimo de segundo, Ele muda toda uma vida, muda qualquer curso e resolve qualquer problema.

Índio Não Tem Alma

Assim que me senti totalmente recuperada, comecei a buscar parcerias para o projeto de evangelização dos índios da fronteira do Brasil com o Peru. Não foi tão fácil como eu imaginava. O primeiro pastor que eu procurei, um amigo, disse-me: "O quê, Kelem? Cem mil reais? Você só pode estar brincando. Deus não vai movimentar uma fortuna como essa para que o evangelho chegue até esses selvagens".

O segundo Pastor que eu procurei me disse: "Kelem, para mim índio não tem alma e eu não movo um centavo para evangelizá-los".

O terceiro? "Eu não entro em nada para perder, e o que você me apresenta cheira a fracasso."

O quarto? "São inocentes, Kelem. Para quê vamos roubar a sua inocência?"

Faltavam apenas três meses para o fim do meu prazo e eu precisava fazer algo imediatamente. Mas o quê?

Vendi algumas roupas, uns sapatos, vários objetos pessoais, fiz lanche para vender na saída da igreja, organizei pechinchas no município de Santo Antônio do Tauá e para isso contei com a valiosa ajuda de alguns amigos (Zildeth, Vaneide, Renato Sá, Alice, Tatiana e muitos outros que contribuíram com roupas, objetos e serviço). Vendíamos as roupas na frente de um mercado, no sol quente, durante todo o dia. Nós nos revezávamos de hora em hora para descansar um pouco na sombra, e quando alguém se aproximava, dizíamos: "Compre uma peça de roupa e ajude a evangelizar índios na fronteira do Brasil com o Peru".

Realizamos três pechinchas em um mês. Coloquei até meu rim à venda para comprar esse barco...

Organizamos um chá missionário para arrecadar objetos necessários para a viagem e uma oferta para ajudar no diesel de um barco

que não tínhamos a mínima ideia de onde viria. Só a certeza de que no momento certo ele chegaria.

A irmã Elza Trajano com suas filhas Ana e Adriana fizeram toda a decoração com motivos indígenas. Grandes mulheres! A irmã Graça, mãe de outras duas grandes amigas, Cristina e Tatiana, preparam toda a comida. O chá missionário foi uma bênção. Uma grande bênção!

No final de um mês e meio de muito trabalho, fiz a contabilidade de todo o dinheiro arrecadado. Havia mil e duzentos reais. Faltavam noventa e oito mil e oitocentos, e só me restava um mês e meio.

CAPÍTULO 8

O Coração de Jesus



Um dia, ao passar em frente à Rádio Transpaz, lembrei-me de que a Zildeth havia me dito que estaria lá naquela manhã, dando uma entrevista, então entrei para procurá-la. Não a encontrei, e quando estava quase desistindo, resolvi ir até o estúdio. Estava no ar o programa comandado por Josias Matos, e, no intervalo, ele veio falar comigo. Eu me apresentei e disse que procurava por uma amiga. Ao ouvir que eu era missionária, me convidou para dar uma entrevista falando do meu trabalho.

O programa foi maravilhoso e muitas pessoas ligaram para o estúdio dispostas a ajudar. Deus usou o Josias de uma maneira maravilhosa. Louvo sempre a Deus pela vida dele e pela sua disposição em servir.

Através desse programa, conheci pessoas que passaram a fazer parte da minha vida: o irmão Fabrício César, um grande promovedor de missões, e a Miss. Ruth Sales, que emprega seu conhecimento a serviço do Reino. E muitos outros, igualmente raros e especiais, que passaram a estar presentes desde esse momento até hoje.

As doações começaram a chegar de todos os lugares: panelas, botijas, roupas de frio, tapetes, utensílios domésticos de toda espécie, mantimentos, móveis para o barco, câmera fotográfica, material de escritório, livros e Bíblias, enfim, tudo de que eu precisava. Agora, só faltava o barco.

Recebi muitos convites para pregar e comecei a visitar inúmeras congregações, grandes e pequenas, próximas e distantes, algumas

dispostas a contribuir, outras não, mas eu estava feliz, muito feliz com a quantidade de intercessores que estava se levantando.

Um dia recebi um convite para visitar a congregação da rua da marinha, e o dirigente, um homem de Deus cheio do Espírito Santo, convidou-me para acompanhá-lo, juntamente com sua esposa, em uma viagem até a cidade de Portel, no Marajó. Eu aceitei e depois de uma semana viajamos, tudo financiado por eles.

Fomos muito bem recebidos pelo pastor Gabriel Oliveira, que se mostrou favorável ao projeto e disposto a ajudar.

Hospedamo-nos em um hotel da cidade e ele marcou um culto para que eu ministrasse a Palavra de Deus. O culto seria em uma congregação construída dentro de uma fazenda, localizada às margens do rio Pacajá. A propriedade pertencia ao irmão Juarez Paraños, um homem que não mede esforços para realizar aquilo que Deus determina.

À noite, começaram a aparecer barquinhos de todos os lados, muitos irmãos começaram a chegar da cidade, da serraria e das vilas próximas. A simpática congregação ficou lotada; nem havia lugar para que todos sentassem. Mas estavam presentes pessoas humildes. Eu não sabia como, naquela congregação, nas margens do rio, levantaria a oferta necessária. Orei: *Senhor, eu não estou entendendo nada, mas Tu não me chamaste para entender; Tu me chamaste para crer. Então, independentemente da geografia, faça o teu milagre acontecer aqui.* O culto desenrolou-se em um clima espiritual maravilhoso. Deus havia reservado algo muito especial para aquela noite.

O culto foi dirigido pelo pastor Gabriel e eu fui a pregadora. Logicamente, falei sobre missões, contei um resumo do meu testemunho e falei sobre o desafio da viagem até o Peru. Concluí com uma oração de desafio para que toda a Igreja do Senhor se envolvesse seriamente com missões.

Durante essa oração, ocasião em que muitos irmãos foram à frente entregar-se ao serviço missionário, notei um homem, de aproximadamente quarenta anos, alto, magro, sentado no banco da frente, do lado esquerdo da nave do templo. Percebi que ele estava terrivelmente pálido, trêmulo e assustado. Ele tinha as duas mãos em cima do coração e o apertava. Pareceu-me que ele estava sentindo uma dor pro-

funda. Por um minuto, fiquei sem saber o que fazer. Ninguém estava vendo o que estava acontecendo; só eu o observava, somente eu vi quando ele caiu em cima da cadeira, prestes a desmaiar. Nossos olhares se encontraram e ele me chamou. Tive a impressão de que ele estava enfartando e me aproximei temerosa.

— O que você está sentindo, meu irmão?

— O Coração de Jesus — respondeu, o homem ofegante.

— O quê? Não estou entendendo. O que tem o Coração de Jesus?

— O Senhor me mandou lhe dar o *Coração de Jesus*. Receba, por favor. É um barco de 20 metros de comprimento e com um motor MWM 114. O nome do barco é *Coração de Jesus* e ele, a partir desse momento, é seu. O Senhor me mandou lhe dar.

No outro dia, pela manhã, fui conhecer o *Coração de Jesus*, um barco lindo, muito além do que eu poderia pensar ou sonhar. Dei o meu telefone ao irmão Dulcival e pedi que ele telefonasse assim que tivesse absoluta certeza de sua doação, pois eu não queria que se precipitasse. Era um bem muito caro e o único bem que ele possuía.

Quem Era Dulcival Guedes

A história da vida desse homem era impressionante. Tratava-se de um homem que já havia possuído muitos bens, e que fora influente no município, tanto material quanto politicamente. Em determinado momento de sua vida, ele teve um dramático encontro com Jesus Cristo, e como existiam enormes barreiras para que ele vivesse plenamente essa experiência, para ensiná-lo a depender do Senhor, Deus decidiu tirar tudo que ele possuía, a ponto de ele não ter o que comer e onde morar. Nessa ocasião, foi abandonado por sua família e amigos. Deus lhe tomou tudo que ele havia possuído de forma ilícita, abrindo precedentes para uma vida completamente diferente da que vivera até então. A opulência e a fartura foram trocadas por uma vida simples e humilde, mas vivida no centro da vontade de Deus, e ele conquistou, assim, a tão desejada paz de espírito e felicidade que só podem ser encontradas debaixo das asas do Altíssimo.

Foram anos de ricas experiências, edificantes e dolorosas, que transformaram o homem de negócios completamente carnal e insen-

sível em um homem cuja obediência a Deus e à sua Palavra estava acima de qualquer coisa, inclusive de seus mais importantes interesses.

Após algum tempo, ele começou a reerguer-se lentamente, adquirindo um barco chamado *Coração de Jesus*, um casco antigo e sem motor. Dulcival trabalhou pessoalmente na recuperação do casco e, negociando seu último bem, comprou um motor MWM 114 e os demais equipamentos necessários, passando, desde então, a morar no próprio barco e nele trabalhar servindo à obra de Deus no interior do município.

E quando tudo parecia estar melhorando para ele, um irmão o convidou para assistir a um culto no rio Pacajá, porque lá, naquela noite, estaria uma missionária que trabalhava com índios, dando o seu testemunho de fé. Mesmo recém-chegado de uma viagem e muito cansado, ele foi ao culto. Em determinado momento da mensagem, o irmão Dulcival sentiu como se uma enorme flecha houvesse saído do púlpito em sua direção. Nesse instante de dor e perplexidade, ele ouviu uma voz nítida e suave, que ele reconheceu imediatamente como a voz do seu Senhor.

— Dulcival, dá o barco a ela.

— Mas Senhor, é tudo que eu tenho.

— Dulcival, dá o barco a ela e não te preocupes, porque Eu cuidarei de ti.

Ele sentia em cada centímetro de seu corpo a força e o poder daquelas palavras. Sabia que quem falava era fiel e verdadeiro, e que só havia uma coisa a fazer, contrariando toda a lógica e qualquer expectativa: doar seu único bem, o *Coração de Jesus*, confiando que seu Senhor estaria ao seu lado e que cuidaria dele em toda e qualquer situação.

Alguns dias depois, o irmão Dulcival telefonou avisando que o barco estava lavado e pintado e que eu deveria buscá-lo o quanto antes. Fui dois dias depois acompanhada de minhas duas primas, Angélica e Wanessa. Quando o barco em que viajávamos estava se aproximando da cidade de Portel, o *Coração de Jesus* saiu ao encontro e trocamos de barco no meio do rio. Foi emocionante!

O irmão Dulcival informou-me que não tiraria nada a bordo além de suas próprias roupas. Ficaria o freezer, o fogão, a TV, a parabólica, o som, as ferramentas e tudo mais que havia no barco.

Chegar a Belém com o barco foi uma vitória acima de qualquer expectativa, mas a batalha estava apenas começando. Eu precisava dos demais equipamentos exigidos pela capitania, de três mil litros de diesel, de uma tripulação experiente e de todo o mantimento necessário para a viagem, além de remédios e material de evangelização. E agora? Por onde começar?

Certa manhã, fui procurar o presidente de nossa convenção, o pastor Gilberto Marques, para informar-lhe que eu já havia recebido da parte do Senhor a embarcação para a viagem missionária. O pastor mostrou-se surpreso e feliz, e em meio a muitas perguntas e conselhos, perguntou-me:

— Kelem, você tem tudo de que precisa para viajar?

— Quase tudo pastor. Faltam alguns pequenos detalhes.

— Está disponível para viajar amanhã até Tucuruí para um encontro de obreiros?

— Sim, pastor, estou disponível.

— Não se preocupe com nada. Deus proverá tudo.

— Amém, meu pastor. Eu creio.

Não posso deixar de mencionar o apoio irrestrito que recebi da equipe fogo de Icoaraci: pastor Moisés Pereira e família, diácono Mário e irmã Iolete, meu grande amigo João Ferreira, presbítero Isaías Lameira e família, e o irmão Cláudio — que hospedou a mim e ao *Coração de Jesus* em seu porto, dando toda a assistência possível. E sem falar naqueles que contribuíram com os mais diversificados serviços: encanadores, pintores e até um eletricista, o irmão Carlos, que refez toda a rede elétrica do barco — um trabalho de quase quinze dias — sem cobrar um centavo. Um exército de pessoas apaixonadas pela obra de Deus surgiu de toda parte da cidade, todos ansiosos para conhecer o barco e para contribuir de alguma forma para a viagem.

Fiz uma caixinha para contribuição, e cada um contribuía de acordo com aquilo que sentia no coração. Um mecânico competente começou a fazer toda revisão do motor, e a despensa e a caixinha começaram a ficar cheias; a cada dia chegavam mais pessoas dispostas a participar

do projeto. Como era maravilhosa a fidelidade de Deus, comprovada a cada dia, a cada momento, a todo instante do dia e da noite.

No dia seguinte à minha visita à convenção, viajei para Tucuruí, juntamente com um grupo de pastores, para o encontro de obreiros. Quando cheguei ao templo, a primeira reunião já havia começado, e me sentei, então, no fundo do salão. Foi aí que observei que, além da esposa do pastor, eu era a única mulher presente no plenário. Ouvi então nosso presidente pronunciar-se da seguinte maneira: "Meus irmãos, gostaria de passar a palavra, nesta manhã, para a missionária Kelem Gaspar, que tem algumas coisas para nos dizer sobre fé e persistência. Ouçam com atenção. Serão preciosas as lições. Kelem, a palavra é sua".

Ouso dizer que naquela manhã veio sobre mim o Espírito Santo de uma forma muito especial. Não sei exatamente o que disse; as palavras fluíam como águas de uma enorme cachoeira, e à medida que nadávamos naquelas águas cristalinas e profundas, o Espírito Santo começou a operar de maneira forte e poderosa em meio aos presentes. Vi pastores caírem prostrados diante do Senhor, confessando que não estavam fazendo tudo o que deveriam em relação à obra missionária; vi olhos marejados de lágrimas em toda a plenária; escutei orações que foram feitas em voz alta prometendo um maior comprometimento; vi correntes sendo quebradas, muralhas sendo derrubadas, e um exército sendo despertado e levantado para fazer a diferença no mundo.

Assim que terminei, o pastor Gilberto perguntou aos presentes quem estava disposto a contribuir com a salvação dos índios dos rios Purus e Chandless. Em segundos, recebi os coletes salva-vidas, os mantimentos e o diesel. A essa altura eu também já tinha o comandante, o experiente Francisco França, e toda a sua equipe, composta por um marinheiro de máquinas e um marinheiro de convés. Estávamos prontos para zarpar.

A Saída de Belém

No dia da despedida, realizamos um grande culto no trapiche de Icoaraci e uma pequena multidão compareceu. Muitos haviam acompanhado pela rádio todo o desenrolar da história e agora estavam ali para agradecer ao Senhor pela resposta às suas orações, por-

que a essa altura, já tínhamos um exército de intercessores fiéis apaixonados pela obra missionária. Choveu muito, um sinal de que as bênçãos de Deus também seriam abundantes sobre cada um de nós. No final da mensagem, foi cedida a oportunidade para que contribuíssem. Pudemos observar, maravilhados, os barqueiros saírem de seus barcos e contribuírem. Almas que nem conheciam o Salvador cooperando para que outras almas o conhecessem e o aceitassem.

Partimos no dia seguinte. Não sabíamos exatamente o que esperaríamos da viagem, mas sabíamos que nosso Capitão Jesus não nos desampararia.

Muitos pastores da rota de viagem estiveram presentes na convenção e no encontro de obreiros em Tucuruí, então, mesmo de vista, já me conheciam. Fomos bem-recebidos em todos os portos onde ancoramos. Os pastores abriram as portas de suas igrejas para que mais intercessores se levantassem e mantenedores fossem despertados. Visitamos inúmeras igrejas, eu pregava quase todas as noites e muitas almas conheceram ao Senhor, e muitas outras se reconciliaram. Houve muitas curas e o nome do Senhor era glorificado a cada dia. O desafio era enorme, o barco consumia quase cem litros de diesel por dia, muitos ribeirinhos precisavam das roupas, mantimentos e remédios, e a tripulação precisava receber salário por seus serviços; faltava carne, dentre outras coisas, e as despesas eram altas.

Chegamos a Manaus quase dois meses depois da saída de Belém. Os pastores amazonenses nos receberam como se fôssemos velhos conhecidos. De imediato, providenciaram um porto seguro para o barco ancorar e os mantimentos. A tripulação toda retornou para Belém por causa do verão intenso e do baixo nível da água, o que nos impedia de seguir viagem de imediato.

Fiquei só. Completamente só. Ancorada em um flutuante, a uma hora do centro de Manaus. O dono do flutuante, o mecânico Paulo e sua esposa Maria, passaram a ser minha família. Uma adorável família.

Os pastores Sadi Caldas e Francisco Pontes foram incumbidos pela diretoria daquela Convenção para providenciarem tudo o que

fosse necessário à minha estadia enquanto permanecesse em Manaus. Conheci de perto a igreja amazonense, igreja forte e poderosa na evangelização, no discipulado e na busca dos dons espirituais. Foi uma honra ministrar em vários de seus muitos templos na capital; o amor com que me acolheram fez com que nascesse em meu coração um profundo respeito por aquela igreja.

Foram dois meses esperando o inverno chegar e a navegação ficar mais segura. Naquele ano, passei meu Natal sozinha a bordo, deitada no toldo, imaginando por quanto tempo ainda teria que viver de maneira tão solitária. Naquela noite, olhando as estrelas, pedi, pela primeira vez ao Senhor alguém com quem partilhar a minha vida. A solidão já estava se tornando um fardo difícil de carregar.

Numa determinada noite, logo depois do Natal, eu estava lendo um livro em minha rede quando comecei a observar que o vento se tornava cada vez mais forte e levantava ondas cada vez mais altas. De repente, todo o céu havia sido assustadoramente tomado por imensas nuvens carregadas de água. Relâmpagos cortavam o horizonte e o barco passou a ser violentamente lançado contra o flutuante. Começou a chover torrencialmente, e tudo que estava em cima da mesa e no armário começou a cair no chão. Num instante havia louças e objetos quebrados em todo o convés. Saí para ver que parte do barco estava sendo mais danificada com o choque constante nas imensas toras de madeira que sustentavam a casa flutuante. A situação era pior do que eu podia imaginar: os baques estavam danificando a estrutura do barco e, se continuassem, logo o barco estaria rachado e as águas invadiriam o porão. Pulei para cima das toras e me tornei em um escudo humano entre o barco e o flutuante; a chuva era cada vez mais forte, e o impacto era imenso. Todos os meus ossos doíam, e eu sabia que não poderia suportar por muito tempo. Quando olhava para baixo e via as ondas espumando violentamente, eu imaginava que, se me desequilibrasse, não teria a menor chance de sobreviver; seria esmagada entre os dois gigantes de madeira. Em meio a toda essa agonia, tive uma ideia: já que não tinha mais forças para continuar com aquele trabalho, estava exausta e o frio fazia todo o meu corpo tremer convulsivamente, resolvi entrar no barco e pedir ajuda. Era

segunda-feira e eu sabia que a igreja em Icoaraci estava reunida para o culto de oração e doutrina. Liguei do celular para a secretaria do templo; mal conseguia falar sobre o que estava acontecendo, mas me fiz entender e o pastor Nivaldo, no meio do culto, foi avisado e colocou a igreja em pé para orar. Eu caí no meio do convés com o celular na mão, enquanto o barco continuava a bater violentamente no flutuante. O que aconteceu a seguir foi uma das coisas mais espantosas que eu já vi: em menos de cinco minutos, o mar tornou-se calmo como um espelho, como se a poderosa mão de Deus de repente se pusesse entre a tempestade e o rio Amazonas. A tormenta cessou e ali mesmo onde eu estava caída, adormeci.

Louvado seja o Senhor, por sempre atender sua amada noiva.

Essa tempestade nos trouxe o inverno, e a hora de zarpar novamente chegou. Providenciei um prático em navegação e um marinheiro, e após ter me despedido da igreja amazonense, partimos.

O Rio Purus

Um rio de águas barrentas e muito profundas surgiu diante de nós. Enquanto pilotava, eu observava através do radar peixes enormes e animais estranhos nadando logo abaixo de nós. Alguns poços tinham mais de cem metros de profundidade.

Nesse trecho nenhuma igreja me conhecia e jamais tinham ouvido falar de mim, mas fui respaldada pela Convenção do Amazonas e, mediante a carta, todos me receberam muito bem. A viagem tornou-se mais difícil por outros motivos: as cidades eram distantes, precisávamos de um guia de cidade em cidade para não nos perdermos em meio ao imenso labirinto de rios que estávamos navegando e ainda havia o risco de encontrarmos piratas que constantemente assaltavam os barcos da região e até matavam os tripulantes. Fazíamos revezamento à noite, para que o barco estivesse constantemente vigiado. Em meio a toda essa pressão, o nosso motor de luz começou a dar sinal de que não suportaria mais a rotina da viagem. Chamei um mecânico em uma cidade e ele me disse que o problema era mui-

to sério, não existiam peças na cidade e o modelo era muito antigo. Resumindo, precisaríamos de um motor novo. Mas comprar com que dinheiro? Mesmo que tivéssemos dinheiro, onde comprar um motor? Como continuar no escuro?

Na cidade de Lábrea, recebemos a visita de um irmão chamado José Maria. Ele procurava passagem para viajar rio acima até a comunidade onde morava com sua família e nos pediu que o esperássemos até o dia seguinte. Resolvemos então esperá-lo devido à dificuldade de transporte na região.

Estávamos à luz de velas...

No outro dia, depois do almoço, zarpamos. A viagem foi tranquila e um tanto demorada, dando tempo para que nos conhecêssemos bem e trocássemos muitas experiências acerca das lutas certas e das vitórias seguras que nos prometia nosso Senhor. Ele desembarcou em sua vila e nós continuamos a viagem até a cidade mais próxima rio acima. Os alimentos estavam no fim, não tínhamos mais diesel, o motor de luz continuava quebrado e a cidade não possuía agência bancária. Fui procurar o pastor na esperança de que ele me convidasse para pregar e nos ajudasse com o que fosse possível, mas fui informada de que ele estava viajando e que o ministério nada poderia fazer para ajudar. Mas um deles me perguntou:

— Vocês estão precisando de alguma coisa?

— Não, meu irmão. Estamos muito bem. Graças a Deus.

Fui ao culto à noite e tive uma oportunidade para dar uma palavra e orar pelo pregador. A mensagem foi entregue por um missionário da região que trabalhava em uma comunidade ribeirinha carente e distante. Ele fez um apelo, precisava de óleo diesel para a lamparina, de uma botija de gás para o lampião e de duas garrafas de vinho para a Santa Ceia. Apelou uma, duas, três vezes e ninguém se manifestou. Suas palavras feriam meu coração como uma estaca pontiaguda. Chorei em ver como algumas pessoas estavam indiferentes ao seu pedido, mas eu não podia fazer nada por ele. Ou podia? Será que existe alguém tão sem recursos que não possa ajudar outro em pior situação? Não, não existe.

Procurei o missionário após o culto e pedi que ele fosse até nossa embarcação na manhã seguinte. Acordei bem cedo e pedi ao marinheiro que esvaziasse o tanque do motor de luz quebrado e colocasse todo o diesel em

um recipiente, mandei separarem a única botija de gás cheia que tínhamos e saí para comprar o vinho com os últimos dez reais que possuíamos.

Um dos tripulantes disse:

— Irmã Kelem, poderíamos vender a botija e comprar comida, colocar esse diesel no tanque do motor e usar esses dez reais para suprir alguma de nossas muitas necessidades.

— Meu irmão, estamos fazendo o investimento mais seguro que existe — respondi. — Estamos investindo na obra que é amada pelo coração de Deus.

O missionário chegou cedo e, após receber tudo de que precisava, orou por nós e nos abençoou. Depois que ele foi embora, fui sentar-me na proa do barco para conversar com o Senhor. De repente, uma canoa grande e lotada chamou minha atenção. De longe reconheci quem vinha pilotando a canoa: era o irmão José Maria.

Ele encostou ao lado do barco, me apresentou sua família e amigos e, após todos terem embarcado no *Coração de Jesus*, ele chamou a minha atenção para um enorme volume, coberto com uma lona preta, no porão da canoa.

— Sabe o que é isso, missionária? — perguntou, retirando a lona e mostrando um belíssimo motor de luz, novo, ainda com os selos.

— Irmão José, é um motor lindo. É seu?

— Não, missionária, é seu. Nós nos reunimos na comunidade e chegamos à seguinte conclusão: Que direito temos de possuir um motor tão bonito e potente se a obra do nosso Deus está precisando de um? Então resolvemos doá-lo. Deus proverá outro motor para nós.

Após orarmos, o motor foi instalado. Como é surpreendente o nosso Senhor!

Um pouco antes do almoço, chegou um irmão trazendo uma grande caixa nos braços. "Missionária, eu estava orando e o Senhor me ordenou que trouxesse essas mercadorias para o barco. No mercado, o Espírito Santo me orientou acerca do que comprar. Está tudo aqui." Oramos por ele e o abençoamos.

O vice-presidente da igreja chegou logo depois com uma requisição da Prefeitura para abastecermos o barco com 200 litros de diesel,

o suficiente para chegarmos até a próxima cidade. E eu não pedi nada a homem algum.

Quatro anos depois, voltando com o barco, encontrei o irmão José Maria e lhe perguntei se eles já possuíam outro motor na comunidade. Ele me respondeu: "Irmã Kelem, você não tem ideia do quanto fomos abençoados. Recebemos um incentivo em dinheiro do governo, ganhamos quatro motores e estamos com uma série de projetos. Deus tem sido maravilhoso conosco".

Assim prosseguimos, de cidade em cidade, de vila em vila, pregando o evangelho, compartilhando experiências, confortando e sendo confortados. Chegamos a uma vila ribeirinha às sete horas da noite e assim que o motor foi desligado, ouvi hinos sendo entoados na vila. Estava tudo escuro e, com certo esforço, percebi que era uma igreja. Havia muitos irmãos reunidos, iluminados por uma pequena lamparina. Resolvi participar do culto, e quando cheguei, verifiquei que os irmãos só cantavam; não havia ministração da Palavra. O dirigente, sem me conhecer, olhou para mim e perguntou-me:

— Você sabe ler?

— Sim — respondi.

— Você poderia ler a Palavra de Deus para nós? Nós não sabemos ler e por isso só cantamos.

Exemplos de fé, amor e dedicação como esses sensibilizaram meu coração de modo profundo e me fizeram refletir seriamente sobre a imensidão da seara e a escassez dos obreiros. Lembrei-me das palavras do Senhor Jesus: "A colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos. Portanto, peçam ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita".

A viagem demorou dois meses aproximadamente e chegamos a Manuel Urbano em um domingo à noite. Fomos muito bem recebidos pelo pastor Ortinízio e sua esposa Azenate. A tripulação voltou e eu comecei a me preparar para subir o rio até a desembocadura do rio Chandless, o lugar ideal para construir a base missionária. Em pouco tempo tudo estava pronto.

Exatamente ali, os sintomas da hepatite voltaram e eu tive uma terrível recaída.

CAPÍTULO 9

O Encontro com os Índios



Um irmão se ofereceu para me levar rio acima no seu barco porque o *Coração de Jesus* — um barco a motor — era muito grande e pesado para subir o rio Purus, que naquela região, já perto das cabeceiras, tem muitas pedras e bancos de areia.

Arrumei todos os remédios, mantimentos, bagagens pessoais, doações, material de alfabetização, de evangelização e discipulado, utensílios domésticos, uma mesa, duas cadeiras, um fogão, material de pesca e uma série de outras coisas igualmente necessárias. Quando já estava pronta para subir, recebi a visita de um grupo de índios representantes das aldeias do alto Purus e eles me advertiram de que eu estaria correndo perigo se insistisse na ideia de me estabelecer na boca do Chandless. Deram a entender que eu não era bem-vinda e se retiraram em meio a terríveis ameaças.

"Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. De sorte que, ou vivamos ou morramos, somos do Senhor" (Rm 14.8).

O que fazer? Desistir? Jamais!

Se eles cumprissem a ameaça, cedo estaria nos braços do meu amado Jesus. No momento que me corpo caísse ensanguentado aqui, os portões celestiais seriam abertos para mim. Então seria recompensada por todo o sofrimento.

Os índios dessa fronteira vivem da caça, pesca, agricultura e do extrativismo. Eles plantam mandioca, milho, tabaco e vários frutos. Nas comunidades existem os curandeiros chamados "pajés", que transmitem seus conhecimentos sobre rituais e plantas medicinais aos seus sucessores. Os rituais de alguns povos indígenas na área do Acre são acompanhados com a ingestão de "Ayahuasca" ou "Yagé", uma bebida alucinógena feita de certos cipós e folhas.

Outro problema muito sério era o vício alcoólico. Eles não se contentavam em ingerir somente a "chincha" e o chá; compravam álcool farmacológico e preparavam licores para se embebedar, o que resultava constantemente em brigas, rompimentos e mortes.

Comprei um terreno próximo à desembocadura do Chandless. O terreno media 600m x 1.000m, e tinha uma casinha bem velha cercada de paxiúba e coberta de palha. A vegetação era densa e abundante ao redor dela, e era muito difícil caminhar os 200 metros da beira do rio até a casa. Não havia caminho e o barranco era muito íngreme, nada era agradável ou convidativo, mas era o nosso novo lar. A única fonte de água que havia era de cor amarela e de gosto de barro. Passei um mês limpando o terreno e reformando a casa. Roçava, pescava, buscava lenha para cozinhar e carregava água do rio. Uma rotina extenuante.

Os sintomas da hepatite tornaram-se fortes outra vez, a ponto de eu não conseguir levantar da rede. Sentia dores musculares muito fortes, uma dor de cabeça insuportável, muita febre, vômito e dores no fígado, que se tornou inchado e sensível. A minha prima Vanessa chegou de Belém para me ajudar enquanto eu me recuperava, e exatamente nesse momento a comida acabou. A Vanessa ia buscar banana em um bananal relativamente distante da casa, mata adentro. Passamos meses tendo a banana como prato principal em todas as nossas refeições: nós as fazíamos fritas na banha de porco (que comprávamos dos ribeirinhos), cozidas, assadas na brasa, em forma de papa ou mingau e amassadas. Vanessa aprendeu a atirar e caçava pequenos animais dentro do nosso terreno; eram as únicas ocasiões em que tínhamos carne para comer. Melhorei lentamente e durante todo esse tempo, nenhum barco passou que pudesse me levar à cidade. Estávamos isoladas ali.

Uma tarde, recebemos a visita de um grupo de índios da região que nos disseram que não éramos bem-vindas e nos proibiram de pescar ou caçar, mesmo estando fora da reserva indígena. Não confiavam em nós e nos disseram que, antes que eu chegasse, já sabiam quem eu era e quais eram minhas verdadeiras intenções, e me proibiram terminantemente de entrar em qualquer uma das aldeias da região.

Não tive chance de argumentar.

Os meses se passaram... Perdemos um pouco a noção do tempo. Às vezes, o pastor Ortinízio mandava comida; em outras ocasiões, uma de nós duas ia até a vila buscá-la. Começamos a dirigir cultos na casa dos ribeirinhos, e, após as primeiras conversões, iniciamos o processo do discipulado. Abrimos também uma escolinha para alfabetizar as crianças, os jovens e os adultos que não tinham essa oportunidade.

Sempre, em todas as aldeias onde trabalhei, tive o cuidado de descentralizar o poder e incentivar os novos crentes a buscarem o desenvolvimento espiritual necessário para o amadurecimento da própria fé. Assim, mesmo depois de ter partido o missionário, a obra continuou.

Em pouco tempo, garimpei talentos e já tínhamos um culto com cânticos, testemunhos, leituras e orações realizadas pelos próprios novos crentes.

O Sequestro

Um dia, já não suportando mais a dieta à base de banana, resolvemos esquecer a recomendação do cacique e ir pescar. Foi quase um erro fatal.

O sequestro aconteceu de repente. Estávamos a um dia de remo da nossa casa quando percebemos a imensa canoa se aproximando. Não havia mulheres e nem crianças, e os vinte índios a bordo estavam pintados com jenipapo e urucum, e com umas expressões nada amigáveis. Fomos arrancadas da canoa, jogadas no porão da canoa e mantidas por horas como reféns. A viagem continuou até eles encontrarem uma praia onde pudessem nos matar e fazer seus rituais.

O cacique falou: "Sei quem você é e o que veio fazer aqui. Sei que quer roubar nossas terras e matar nossas crianças, mas vamos nos

defender. Não permitiremos que destrua nossas vidas. Os espíritos nos avisaram tudo. Vocês vão morrer".

Orávamos em silêncio. O meu medo não era de morrer; era de não realizar a tarefa que fui designada a fazer. Eu não podia aceitar a morte antes que pelo menos um índio caísse prostrado aos pés de Cristo ali naquele lugar.

Então falei: "Ninguém pode ser julgado e condenado sem direito a defesa. Sei que vocês são um povo justo e apelo para essa justiça. Ouçam-me, por favor: Deixamos nossos país, nossos amigos e tudo aquilo que conhecíamos e amávamos, estamos há muito tempo sofrendo pela falta de comida, pelo ataque sem trégua dos insetos, pelas doenças e pelas ameaças constantes... e tudo isso não porque queremos dinheiro ou reconhecimento, mas por amor. Conheço o vazio de suas almas, posso ver as correntes que os prendem, sei do medo que há em seus corações e vim aqui lhes mostrar o caminho da paz, do amor e da liberdade. Vocês escolhem entre me matar e me ouvir".

Fez-se silêncio.

Começaram a conversar entre si na língua materna. Não compreendi uma só palavra. Só entendi a ordem, dada em português comercial: "Entrem todos na canoa. Vamos deixar as missionárias em casa".

A viagem de volta foi tranquila. Deram-nos banana para comer e nos trataram muito bem. Quando chegamos em casa, o cacique me disse:

— Quando tu quiseres ir à aldeia para nos falar sobre a paz, podes ir. Vamos estar esperando, daqui a cinco dias. Sinto que muita coisa depende disso.

— Eu irei — respondi.

A partir desse dia, os índios passaram a visitar a casa pastoral. Algumas vezes, eram levados por alguma necessidade; outras, por alguma enfermidade; e na maioria das vezes para ouvir acerca do evangelho.

O culto foi dirigido na aldeia alguns dias depois e oito índios converteram-se de uma vez só, após uma explanação do evangelho que demorou aproximadamente duas horas. Muitos se converteram na casa pastoral durante as visitas. As portas estavam se abrindo maravilhosamente.

CAPÍTULO 10

A Grande Surpresa



Eu só não conseguia entender por que às vezes me sentia tão solitária. Tentava preencher o vazio com muito trabalho, mas quando eu menos esperava, a sensação de solidão estava ali outra vez.

Fui à vila fazer compras e, como cheguei domingo pela manhã, resolvi ir direto para a Escola Dominical. Estava acontecendo uma manhã de glória e já havia começado a mensagem. No meio da pregação, o pregador — que eu nunca tinha visto antes — pediu para que eu fosse até a frente e disse: "Deus conhece a carência do seu coração. O seu esposo está a caminho; você já o conhece, ele é da sua terra e aqui será pedida a sua mão".

Fiz as compras e voltei para o campo com aquelas palavras guardadas no coração. Depois de dois meses, retornei à vila e fiquei sabendo que alguém havia feito uma denúncia contra mim na Polícia Federal. Eu estava sendo acusada de biopirataria e tráfico de drogas. Não estava entendendo nada; soube de um abaixo assinado para me expulsarem da região. Um missionário católico estava por trás de tudo isso e foi até o barco para me dizer que meus dias ali estavam contados. Disse-me que sabia que eu era uma voluntária e que estava só. Mandou-me contar os dias.

Fui à Polícia Federal prestar esclarecimentos e apresentar toda a minha documentação eclesiástica e documento do barco. Fui liberada sem problemas porque as denúncias eram levianas e infundadas. Mas o clima de tensão e ameaça continuava no ar.

Telefonei para minha mãe e contei tudo que estava acontecendo, inclusive a necessidade de receber a visita de alguém do Pará, que pudesse me levar uma canoa para que eu colocasse um motor e pudesse atender melhor a região e para deixar claro para todos que eu era missionária de fato e que não estava sozinha.

Minha mãe ficou incumbida de fazer contatos e, quem sabe, conseguir alguém para uma viagem rápida à região. Retornei ao campo e continuei trabalhando normalmente com a Vanessa junto aos índios da região. Fazíamos viagens a remo que demoravam dias, dormíamos na beira do rio, cozinhávamos banana ou macaxeira para comer e remávamos o dia todo. Os trabalhos evangelísticos eram realizados durante o dia e à noite fazíamos cultos.

No final de uma dessas viagens, no dia do meu aniversário, chegamos em casa e percebemos que a porta estava arrombada. Havia uma bolsa de viagem do lado de fora, um par de botas e um chapéu, entramos com cautela e vimos uma rede atada e alguém dormindo. O frio era intenso e estávamos congelando. A pessoa estava totalmente coberta. Vanessa se aproximou para acordá-lo e eu fiquei segurando um pedaço de pau para o caso de ter que me defender ou defendê-la. Ela bateu na rede e acordou o homem. Era Dulcival Guedes de Sousa, o doador do *Coração de Jesus*.

Depois do susto inicial, ele me contou que a minha mãe, depois de inúmeros telefonemas, lembrou-se dele e resolveu telefonar para contar-lhe acerca da situação que estávamos vivendo e solicitar algum tipo de ajuda. Ele orou ao Senhor e após a confirmação e a providência do dinheiro para as passagens, partiu para a fronteira ciente de todos os problemas e disposto a ajudar no que fosse preciso. Sugeri, então, que ele me ajudasse tomando conta do *Coração de Jesus*, porque eu havia recebido uma ameaça de um grupo indígena, dizendo que a embarcação seria incen-

diada e eu também temia que algum tipo de material "estranho" fosse colocado a bordo.

O irmão Dulcival aceitou imediatamente e nós fomos de canoa, em uma viagem de dois dias, deixá-lo na vila, no *Coração de Jesus*. Na realidade, não me preocupei em perguntar se ele possuía meios para se manter a bordo, e ele nada me falou sobre o assunto. Sendo assim, regressei no dia seguinte.

Após três meses de trabalho, ao descermos o rio novamente, encontramos o irmão Dulcival ali, firme em sua missão de se relacionar com os índios que desciam para a vila e ganhar-lhes a confiança, de fazer amigos, de manter o barco limpo e arrumado e de vigiá-lo cuidadosamente. Observei, porém, que ele estava muito abatido e vários quilos mais magro. Então ele me disse que sua única alimentação nesses meses havia sido peixe com farinha... Mas não se queixou, nem reclamou, nem pediu nada. Perguntei se ele iria continuar nos ajudando e ele disse que sim, sem nenhuma dúvida. Fiquei admirada e comovida com a sua disposição e com o seu amor para com o serviço do Mestre.

Deixamos a vila no dia seguinte e ele ficou no barco, com uma sacola de compras que certamente não daria nem para quinze dias. Avisei-o de que faria uma viagem difícil e perigosa no Chandless e ele me disse que todos os dias, em todos os momentos, ficaria orando por mim. Foi a primeira vez que vi um brilho especial em seus olhos.

A Viagem no Chandless

Essa viagem foi difícil e cansativa. A Vanessa ficou na casa pastoral para que o trabalho não parasse e eu fui com um mateiro muito experiente e outra jovem para alcançar com o evangelho todos os moradores do rio. A viagem durou dois meses: dormíamos na beira do rio, rodeados por jacarés, cobras venenosas e onças, comíamos só o que pescávamos ou caçávamos, e passávamos todo o dia remando, empurrando a canoa ou caminhando, levando toda a bagagem nas costas. Uma vez escapamos por milagre de uma enorme onça pin-

tada e em outra ocasião um jacaré veio buscar um pedaço de carne embaixo da minha rede. Visitamos casa por casa e levamos o evangelho a cada pessoa. Os resultados foram maravilhosos.

Retornei da viagem muito cansada e oito quilos mais magra, sentindo, outra vez, os sintomas da hepatite. Após descansar um pouco e tratar dos pés que estavam em carne viva, desci para encontrar Vanessa na vila, porque me informaram que ela havia descido por sentir-se doente.

Um inseto havia posto larvas em seu ouvido e ela não estava suportando a dor de ter essa região tão sensível do corpo sendo sugada pelas larvas em crescimento. Eu a encontrei a bordo do *Coração de Jesus*, em meio a muito sofrimento. A "microcirurgia" foi realizada no próprio barco por um missionário chamado Robson, que conhecia muito bem esse tipo de problema por trabalhar há oito anos na região. Um jovem admirável e incansável no trabalho do Senhor. Nós o conhecemos na Aldeia Nova Aliança em um batismo de índios Kashinauás, realizado por ele. Recebemos uma visita dele um mês após o batismo. Ele pediu para conversar comigo em particular e me disse que, após um período de oração e da confirmação da parte do Senhor, havia decidido pedir a mão da Vanessa em casamento. O pedido foi uma surpresa tanto para mim quanto para ela, que, para minha maior surpresa, o aceitou imediatamente.

Realizei a cerimônia do noivado no dia seguinte. O prato principal foi um jabuti assado, com banana e chá. Mas a alegria do casal e a plenitude desse amor faziam com que tudo fosse único e especial.

Após a recuperação da Vanessa, eles subiram até Santa Rosa para o casamento, uma cerimônia simples, talvez muito longe de tudo que ela havia sonhado para sua vida, mas nunca vi uma noiva tão feliz e decidida quanto ela. Não pude ir ao casamento, mas fiquei orando por ela.

O Maior Presente

Na terceira vez que desci até a cidade, seis meses depois da chegada do irmão Dulcival, desci refletindo sobre o caráter desse

homem. Que sentimento em seu coração o tornava tão resignado ao sofrimento? O que o mantinha naquele lugar sem alimentação, sem conforto e sem perspectivas?

Encontrei-o no barco sem poder andar devido à ferrada de um inseto venenoso. Não havia nada na despensa além de um pouco de café. Naquela tarde, enquanto o missionário José Moreno, um peruano que estava alojado no *Coração de Jesus*, preparava as bananas que eu havia trazido para comermos, conversamos longamente. Ele estava relembrando a reação de algumas pessoas contrárias à doação do barco, as calúnias e o abandono que havia sofrido até por parte de muitos de seus amigos, e o quanto ele estava feliz, porque, se não fosse a doação do barco, ele não estaria ali, agora, sendo útil ao trabalho do Senhor.

"Kelem, eu não me importo em ser o menor", ele disse, "mas eu quero servir, servir de coração, ajudar, ser útil. O que me importa é que Deus está me vendo, e a recompensa, eu espero do meu Senhor. Hoje eu não possuo nada, mas estou feliz como nunca estive quando possuía tudo".

Enquanto eu o ouvia falar. As lembranças das vezes em que Deus falou comigo acerca do meu futuro esposo começaram a brotar em minha mente... As alusões ao sofrimento, as cicatrizes que tal homem traria em seu coração... Seria da minha terra... *Senhor, seria o Dulcival o meu marido?*

Enquanto eu estava submersa nessas lembranças, ele sentou-se ao meu lado e disse: "Kelem, eu não tenho nada para lhe oferecer, mas quero lhe dizer que a amo, que aprendi a amá-la aqui a cada dia que se passava, a cada oração que fazia por você, a cada pensamento que lhe dedicava... Você pode ter certeza de uma coisa: terá ao seu lado um companheiro com quem poderá contar todos os dias de sua vida e que a amará com todas as forças do coração. Você aceita se casar comigo?"

E pediria a minha mão aqui... Pensei rápido. Ele possuía todas as características que eu poderia sonhar em um marido, mas eu sentia medo porque não sentia que o amava com a mesma intensidade. Resolvi ser cautelosa até ter certeza.

— Dulcival, eu não sei, estou muito confusa. Eu não o amo ainda como você merece e precisa ser amado e tenho medo de fazê-lo sofrer. Não imaginei que você possuísse um sentimento tão forte no coração... Acho que... Acho que... O melhor que você pode fazer é partir... Eu não posso me casar sem ter certeza em relação aos meus sentimentos e não posso mantê-lo aqui para sofrer, seria crueldade de minha parte. Por favor, me entenda... E não insista.

— Eu entendo, não se preocupe. Não vou mais tocar no assunto.

Depois dessa conversa, eu resolvi sair para caminhar um pouco e pensar acerca de minha decisão e de minha vida. Será que eu havia feito a coisa certa? Se havia, por que sentia esse vazio tão grande no coração? Por que sentia essa dor quando pensava em sua partida? Em meio a essas reflexões, nem percebi quando alguém tocou no meu ombro. Ao olhar para trás, vi o presbítero Ozias, um grande homem de Deus, que me disse, com voz firme e decidida: "Missionária Kelem, este homem, o irmão Dulcival, é o seu esposo. Deus me mostrou há alguns minutos, enquanto eu orava em minha casa, e ele manda lhe dizer que não se preocupe porque o Senhor proverá tudo. Ah... E você já o ama, embora ainda não saiba".

A escada de madeira que tínhamos que descer para chegar ao barco tinha aproximadamente duzentos degraus, ao pisar no primeiro degrau, eu disse: "Meu Deus e meu Pai, piso neste primeiro degrau sem a completa consciência de que tenho esse amor dentro de mim e não me casarei sem o sentir intensamente. Creio, porém, que podes fazê-lo brotar enquanto desço esta escada, de modo que quando pise o último degrau tenha a certeza da sinceridade e da grandeza do amor que sinto, sem nenhuma sombra de dúvida. Então eu me casarei com ele".

Enquanto descia os degraus, comecei a sentir um aperto no coração, uma dor como se algo de muito especial estivesse sendo separado de mim, uma sensação de vazio e de solidão. Tive a certeza, naquele momento, de que jamais poderia ser feliz longe do Dulcival. Descendo aquelas escadas, eu descobri que o amava e minha vida não teria o menor sentido longe dele. E essa certeza veio de Deus.

Quando entrei no barco, vi o Dulcival arrumando suas roupas em uma bolsa de viagem. Não pude me conter; olhei bem nos olhos dele e disse:

— Eu gostaria de lhe pedir que ficasse.

— Por quê?

— Porque a minha resposta para sua pergunta é sim, eu aceito me casar com você, eu também o amo, o amo muito e quero ser sua esposa.

Aquele primeiro abraço de noivos selou nosso destino. Ali estavam o meu coração e o coração do Dulcival, abençoados pelo coração de Jesus.

Fomos a Belém para nos casar, confiando que o nosso Pai providenciaria tudo o que fosse necessário. Não tínhamos nem um centavo, mas nosso coração transbordava de fé e de esperança. Eu disse ao meu noivo que sonhava com uma aliança de ouro branco, amarelo e vermelho e que gostaria muito que esse sonho se realizasse. Eu não poderia aceitar que tivéssemos que abrir mão de um desejo por falta de recursos. Nosso Deus é um Deus que realiza sonhos, até os impossíveis...

Fomos a uma tarde de louvor no bairro da Marambaia, na casa da irmã Lúcia, que eu conheci nesse mesmo dia. Após a ministração da Palavra de Deus, ela me chamou e disse: "Não me pergunte por quê, mas Deus falou de maneira muito forte ao meu coração para que eu lhe desse um presente. É seu". Ela colocou uma joia na minha mão. Era uma aliança de ouro branco, amarelo e vermelho... Ela não sabia de nada, mas Deus conhece o nosso coração. A festa de casamento foi linda e além das expectativas.

Após o casamento, retornamos ao campo missionário para darmos continuidade ao trabalho. Construímos o Primeiro Templo Central Indígena da região bem ao lado da casa pastoral e realizamos uma grande festa de inauguração, com a presença em massa dos índios dos rios Purus e Chandless. Foi uma vitória tremenda.

Depois disso, Deus nos ordenou que voltássemos à Belém. Como ainda resistimos para tomar a decisão de viajar, o barco começou a

apresentar uma série de problemas mecânicos e muitos vazamentos. Entendemos que tudo aquilo era a mão de Deus nos apressando para a viagem. Empossamos o missionário Fábio Correia no campo e partimos para uma viagem de seis meses até Belém.

Deus colocou um projeto em nosso coração: um centro de Treinamento em Missões no Estado do Pará. Treinamento que incluísse Teologia, Missiologia, Psicologia e matérias práticas como suinocultura, piscicultura, avicultura, horticultura, enfermagem, construção civil e uma série de outras disciplinas que atestei serem estritamente necessárias para quem está em um campo missionário transcultural. E Deus continuou falando por meio de sonhos, de profecias, de visões e de várias maneiras, e prometeu mover os corações nobres para tornar tudo possível.

No momento em que concluo este livro, após um ano de severas lutas e provações, Deus nos deu o terreno para a implantação da escola. Agora, diante desse novo desafio, nós:

Levantamos os nossos olhos e vemos os campos que já branquejam para a ceifa.

E...

Colocamos a mão no arado.

Porque...

O Senhor da Seara está conosco.



Fotos



Casamento de Kelem e Dulcival



Kelem Gaspar com bebê kulina



Culto público na aldeia Pacaás-Novos



Missionária Kelem abrindo palha para cobrir o templo na aldeia Pacaás-Novos



Criança recebendo cuidados na casa pastoral, no rio Purus



Crianças e adolescentes indígenas ouvindo a Palavra de Deus



Culto familiar na aldeia



Interior de uma residência kulina



Missionária Kelem em viagem missionária no rio Chandless



Limpando o terreno para a construção do templo



Crianças kashinawas e suas mães ouvindo o evangelho



Crianças pacaás-novos tomando banho no rio



Conjunto infantil na aldeia Pacaás-Novos



Barco Coração de Jesus no rio Amazonas



Casa pastoral e templo central no rio Purus



Cozinhando na margem do rio Chandless, em viagem missionária



Plantação de legumes e verduras em Barranco Vermelho



Macaco sendo preparado para ser assado na brasa

Post-Scriptum

Deus escolhe quem Ele quer para o seu serviço. Podemos não ser o ideal na visão de algumas pessoas, mas Deus é o Senhor da seara e cabe a Ele a escolha de seus ceifeiros. Ele faz do impossível o possível e abre portas até no vento para que seus propósitos sejam realizados. Certamente Ele tem um plano em sua vida. Confie nEle, coloque em ação a sua fé e, se preciso for, Ele fará até com que os grandes se curvem diante de você. Seja sempre obediente à voz do Senhor, mesmo quando você não compreende. O que Deus encomenda Ele paga. Ele é o Dono de todos os recursos e nunca a obra de Deus deixou de ser realizada por falta deles; o que às vezes nos falta é o conhecimento de como usar a chave que abre todas essas portas, e essa chave é a FÉ. Suas realizações serão do tamanho de sua fé. O Senhor está ansioso para estabelecer o seu Reino de amor e paz em outras centenas de tribos não alcançadas pelo evangelho, onde agora só habita a dor, o desespero, a morte e a crueldade...

Qual é a sua parte?

O que você pode fazer?

Ajude nossa Escola de Missões e nossos projetos missionários.

Se desejar contribuir, não importa com quanto (o pouco para você pode ser exatamente o que estamos precisando naquele exato momento), deposite:

Banco do Brasil
Ag. 1436-2
Cc. 6993-0
Kelem Gaspar